

ALESSANDRA AYRÃO MARTINS

UM ESTUDO DA AUTO-ESTIMA E SUA RELEVÂNCIA  
PARA A IGREJA COMO  
COMUNIDADE TERAPÊUTICA

Universidade Metodista de São Paulo

São Bernardo do Campo — dezembro de 2006

ALESSANDRA AYRÃO MARTINS

UM ESTUDO DA AUTO-ESTIMA E SUA RELEVÂNCIA  
PARA A IGREJA COMO  
COMUNIDADE TERAPÊUTICA

Trabalho de Conclusão de Curso com vistas à  
obtenção de grau do Curso de Teologia da Fa-  
culdade de Teologia — Universidade Metodis-  
ta de São Paulo.

Universidade Metodista de São Paulo

São Bernardo do Campo — Dezembro de 2006

# FOLHA DE APROVAÇÃO

A Comissão tendo examinado o presente trabalho de conclusão de curso o considera:

---

---

Orientador: James Farris

---

Leitor: Nicanor Lopes

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a duas grandes mulheres: minha mãe e minha Avó Alice Ayrão (in memoriam). A minha mãe que foi a pessoa que mais confiou em mim, que sempre me incentivou acreditando e apoiando-me nos momentos mais difíceis, demonstrando o seu amor e carinho. À você mãe, que é uma mulher forte, batalhadora, lutadora, carinhosa e amorosa seja toda a minha gratidão e amor.*

*Eu te amo muito.*

## AGRADECIMENTOS

*À Deus que me chamou para exercer o ministério pastoral, que cuidou e me deu força para vencer os obstáculos da vida e vencer mais essa etapa.*

*À minha família que sempre esteve presente nessa caminhada. À minha mãe, Solange Gonçalves Ayrão, que foi incansável em me ajudar com palavras e atitudes que demonstram o seu amor e a sua confiança. Mãe a você seja todo o meu amor, carinho e respeito, as palavras não são o suficiente para expressar a minha alegria por ter você na vida, na minha história.*

*Ao meu padrasto, Gelbes dos Santos, que se revelou um grande amigo em toda a caminhada estando sempre disposto a me ouvir e me compreender. Gelbinho muito obrigado por você me compreender e ser mais que um pai, sendo um grande amigo.*

*Ao meu pai José Luiz Pereira*

*Às minhas irmãs: Andréia (Dedeia), Angélica (Gelinha) e Aleane (Preta) que são mais que irmãs são amigas. Valeu pelo carinho e amor de cada uma de vocês, vocês são muito importantes para mim e, por isso, sou eternamente grata a Deus pelas irmãs que tenho e pelos sobrinhos lindos (Orlando e Iago) que vocês me deram e também pelo sobrinho/a que está a caminho que eu já o amo muito também.*

*Agradeço também aos meus cunhados: Alex, Wagner e Landerson. Sei que em alguns momentos nos estranhamos, mas quero que saiba que eu amo muito vocês, principalmente pelos sobrinhos lindos que tenho.*

*À minha linda Vovó paterna que sempre demonstrou o seu desejo de vitória para minha vida. Vovó agradeço a Deus pela sua vida, por ter você para dividir a alegria de mais uma etapa conquistada.*

*À todas as minhas tias e tios que estiveram acompanhando essa etapa, que estiveram orando e que acreditando que essa vitória tornaria-se possível. Muito obrigado pelo cuidado e confiança depositada.*

*Às primas e primos que em muitos momentos foram mais que família foram amigos/as com quem eu pude compartilhar as conquistas e experiências que ocorreram no decorrer dessa etapa da vida.*

*Ao Alexandre Alves da Silva (Meu Negão Lindo) que sempre demonstrou o seu amor e cuidado, que foi um grande amigo nos momentos de crise porque o seu amor me fortalece. Sem você eu não teria conseguido vencer. Obrigado por fazer parte da minha vida, pois, sem a sua companhia e palavras de motivação essa vitória não seria possível.*

*Agradeço a Deus pela vida da Igreja Metodista em Itaocara que acreditou no meu chamado e depositou a sua confiança em mim. Obrigado amada Igreja pelas ricas experiências vivida com vocês, a todos os irmãos/ãs seja o meu carinho e amor. Vocês são muito importantes e sempre estarão gravados em meu coração e em minha história. Amo vocês.*

*À Igreja Metodista de Mogi das Cruzes que me acolheu com muito carinho proporcionando novas experiências.*

*À Igreja Metodista de São Caetano que abriu as suas portas para que eu pudesse cumprir os meus estágios possibilitando um amadurecimento e crescimento na vida pessoal, espiritual e ministerial. Muito obrigado a todos os irmãos/ãs que me ensinaram muito, vocês foram e serão importantes na minha vida, na minha caminhada. Amo vocês.*

*Aos colegas da faculdade que passaram junto comigo essa caminhada. Vocês estarão em minha memória e história. Deus os abençoe e obrigado pela companhia durante os quatro anos.*

*Aos meus amigos e amigas do grupo de trabalho da faculdade. À Núria (a mais modesta) que esteve presente em todos os momentos dessa etapa e foi uma das pessoas com quem compartilhei as minhas crises (que não foram poucas, você sabe disse); você é uma pessoa maravilhosa e agradeço a Deus pela sua amizade, valeu amiga. À Thelminha que é uma pequena mulher em sua estatura, mas, que se revelou uma grande amiga nesses quatro anos; valeu pela amizade e a ajuda. À Silvia que é uma amiga e tanto e que é mulher e não desiste nunca; obrigado pela sua companhia nas horas de buscar água no posso de Jacó e em todas as outras situações, agradeço a Deus pela oportunidade de poder reconhecê-la nesse último ano e construirmos uma amizade mais sólida. À Zuleine que é uma pessoa muito divertida e amiga; obrigado pelo seu carinho e amor, saiba que a sua amizade é muito importante para mim.*

*Ao Luciano (bispo) que é um cara muito companheiro; valeu amigo pela companhia e força durante essa etapa. Ao Leandro (Presuntinho/Bispo) que foi o amigo que me fez companhia na minha primeira vinda a São Paulo (lembra disso?) e um excelente representante de turma; Deus abençoe o seu ministério e tenha cuidado com o "Porco". Ao Vinícius (Vina) que é um cara gente fina e um grande amigo; muito obrigado pela sua amizade e pelo seu apoio, foi muito bom trabalhar com você na cantina, foram altos papos, foi um tempo muito bom, apesar das bombas (você sabe qual). Ao Alexandre (Fei) que desde o pré-teológico se revelou uma pessoa muito prestativa (lembra que você me deu a sua apostila), divertida e amiga; valeu amigo pela oportunidade de viver essa etapa junto com você e principalmente pelo "Tutu". A todos vocês, meus amigos de grupo de trabalho da facul, quero que saibam que eu os amo muito e que estarão sempre guardados em minha memória, minha história e em meu coração. VOCÊS SÃO PESSOAS MARAVILHOSAS, PRESENTES DE DEUS PARA MINHA VIDA.*

*A minha amiga Patrícia Eugênio pelos nossos altos papos, pelos momentos agradáveis em sua casa com outros amigos, como as noites que degustamos um delicioso biscoito. Muito obrigado Patty pelo seu carinho, você é uma pessoa muito querida.*

*À Pastora e amiga Ana Paula pelas caminhadas gostosas para espairecermos a mente. Valeu Aninha pela companhia nos nossos anos de estudantes juntas, muito obrigado por fazer parte do seu ciclo de amizades, valeu mesmo.*

*Agradeço a Patrícia Marques e Cristina que me ajudaram no momento crucial da minha vida. Valeu muito meninas por terem me acolhido na casa de vocês, sem vocês eu não teria conseguido.*

*À minha chefe opressora Cida (brincadeirainha). Valeu Cida pelo apoio, você é muito especial, se cuida e pode contar comigo.*

*Aos amigos e amigas que também passaram pela Comunidade Pombalina e fizeram parte da minha história. Obrigado por tudo, valeu galera. VALEU POMBAL.*

*As minhas Cunhadinhas Joyce e Kelly pelo carinho e palavras de incentivo no Orkut, e é claro pelas nossas maravilhosas viagens, Quando vai ser a próxima? Deus as abençoe, amo muito vocês.*

*Agradeço a irmã Carmita, Rita e Márcia que são pessoas maravilhosas, que estiveram sempre orando por mim, sendo minhas intercessoras. Muito obrigado porque sem a intercessão de vocês eu não teria conseguido. Deus as abençoe.*

*Aos meus professores/as que possibilitaram um crescimento de vida, provocando crises que me fizeram crescer.*

*Ao Prof. Otoniel que foi um grande amigo nos momentos em que precisei. Obrigado Otoniel pelo apoio.*

*Ao Bispo Geoval Jacinto que é uma pessoa maravilhosa que me acolheu de forma muito carinhosa na faculdade sendo um pastorzão e amigo. Obrigado pelo carinho e preocupação.*

*Agradeço ao meu orientador que ajudou na formação deste trabalho e que sem a sua orientação a conclusão desse trabalho não seria possível. Ao meu Tutor e leitor Nicanor Lopes que é "gente boa" e "autoridade máxima" e que estava sempre disponível a ajudar quando solicitado. Muito Obrigado e que Deus continue abençoando a vida e ministério de vocês.*

*Ao meu Pastor Carlos Roberto Queiroz por acreditar e confiar em mim. Agradeço a Deus pela sua vida que é um exemplo para mim, obrigado pelo carinho e cuidado.*

*Agradeço a Deus por todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que eu conquistasse essa vitória. Muito obrigado.*



# SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 O que é auto-estima?	13
1 Auto-estima em uma perspectiva psicológica	13
1.1 Encontro consigo mesmo	17
1.2 Encontro com o outro	19
1.3 Encontro com a dimensão espiritual	22
2 Auto-estima em uma perspectiva bíblico-teológica	24
2.1 Encontro consigo mesmo	26
2.2 Encontro com o outro	28
2.3 Encontro com a dimensão espiritual	31
3 Análise comparativa	33
3.1 Encontro consigo mesmo	34

	10
3.2 Encontro com o outro _____	34
3.3 Encontro com a dimensão espiritual _____	35
Capítulo 2 A igreja em uma perspectiva de Comunidade Terapêutica _____	37
1 Comunidade Terapêutica _____	37
1.1 O que é comunidade _____	38
1.1.1 Comunidade versus sociedade _____	40
1.2 O Que é Terapêutica _____	42
1.3 O Que é Comunidade Terapêutica _____	43
2 Igreja como comunidade terapêutica _____	46
2.1 O que é Igreja _____	46
2.2 Igreja: uma comunidade terapêutica _____	48
Capítulo 3 auto-estima e comunidade Terapêutica _____	52
1 Auto-estima e comunidade _____	53
2 Levantando os problemas _____	56
3 Pistas pastorais _____	60
Conclusão _____	66
Referência _____	69
Anexo _____	73

# INTRODUÇÃO

A nossa sociedade tem vivido muito fortemente o individualismo e a competitividade, fazendo do outro o inimigo, a ameaça, gerando uma quebra nos relacionamentos. E com isso, as pessoas têm sofrido muito com a solidão e o isolamento. Essas questões têm prejudicado a nossa vida em comunidade e conosco mesmo. De acordo com essa situação as pessoas confundem auto-estima com egoísmo e comunidade com mera aglomeração.

Então, a presente pesquisa tem como objetivo apresentar um estudo da auto-estima e sua relevância para a Igreja como comunidade terapêutica, de forma a refletir sobre a dimensão individual e coletiva existente no ser humano. O ser humano é por natureza relacional, mas também tem as suas particularidades, por isso, desenvolveremos a ação do individual no coletivo e a ação do coletivo no individual.

O primeiro capítulo trata sobre a auto-estima, mas destaca-se a dificuldade para encontrar material bibliográfico que fale sobre o presente assunto, já que muito dos livros que tratam essa questão são considerados de auto-ajuda, não contendo muito teor acadêmico, científico, e é justamente essa dificuldade que conduziu tal pesquisa. Assim, será apresentada uma definição do que significa auto-estima, já que tal conceito requer esclarecimentos. Também será trabalhada a auto-estima com vistas à tridimensionalidade do ser, ou seja, a

auto-estima a partir de si próprio, do outro (família, amigos, igreja, mídia, etc) e Deus (dimensão transcendental), numa perspectiva psicológica e bíblico-teológica à partir de Marcos 5.25-34 e Marcos 12.28-33, e por último, será realizada uma análise comparativa entre as duas perspectivas.

O segundo capítulo apresenta o que é ser uma Igreja como comunidade terapêutica, sendo desenvolvida uma conceituação do que é uma comunidade (destacando a diferença entre comunidade e sociedade), do que é terapêutico e o que é ser Igreja como comunidade terapêutica, tendo como pressuposto que se é Igreja logo, ela é ou, pelo menos, deveria ser comunidade terapêutica, mas tendo consciência que é formada por seres humanos sujeitos a erros, imperfeições.

Por fim, será feita a junção dos dois capítulos anteriores, auto-estima e comunidade terapêutica. Em geral, pensa-se que auto-estima e comunidade terapêutica são conceitos diferentes e que um assunto não tem relação com o outro, mas, o objetivo desta pesquisa é esclarecer essa questão, entendendo qual pode ser a ação da comunidade terapêutica na auto-estima e vice-versa; para isso, será desenvolvida uma reflexão sobre a junção dos dois assuntos, para então levantar alguns problemas que podem atrapalhar o desempenho e crescimento positivo da ação da comunidade na formação da auto-estima e vice-versa. Neste ponto desta pesquisa, serão apresentadas algumas pistas pastorais, sendo que ao dizer pistas pastorais não estamos nos referindo apenas aos pastores/as mas, também aos/as leigos/as de nossas comunidades com base no conceito teológico do sacerdócio universal de todos os crentes.

Portanto, essa pesquisa pretende descobrir se há influência das outras pessoas na construção de nossa auto-estima, e se há influência da auto-estima na vida da comunidade terapêutica. É descobrir como acontece a relação do individual com o coletivo e vice-versa.

## CAPÍTULO 1

### O QUE É AUTO-ESTIMA?

*“Desejo que descubra que cada ser humano possui uma beleza física e psíquica original e particular. Aprenda diariamente a ter um caso de amor com a pessoa bela que você é, desenvolva um romance com a sua própria história. Não se compare a ninguém, pois cada um de nós é um personagem único no teatro da vida”.*

Augusto Cury

*“Não vá para fora, volte a si mesmo; no homem interior habita a verdade”*

Santo Agostinho

#### 1 Auto-estima em uma perspectiva psicológica

Nos dias de hoje já não há um significado bem definido para a palavra auto-estima; ela possui muitos significados e ao mesmo tempo não significa nada. É complexo e difícil abranger seu significado numa totalidade unitária. “A palavra auto-estima é de origem castelhana, não existindo em línguas como francês, italiano ou japonês, pois tais línguas em-

pregam o uso da palavra “auto-conceito” ou “auto-imagem positiva”.<sup>1</sup> Lourdes Cortés de Aragón e Jesús Aragón Diez definem auto-estima como:

“Auto” provém do grego “auto”, que é um adjetivo e/ou pronome que significa “o mesmo, o próprio”. E “estima” (do verbo estimar) é um substantivo que, segundo o dicionário da Real Academia Espanhola, é a “consideração e apreço que se tem de determinada pessoa ou coisa por sua qualidade e circunstância”. Por sua vez “estimar”, do latim “aestimare”, é “apreciar, “pôr apreço”, “avaliar as coisas”; “julgar”, “crer”, “ter apreço e estima por uma pessoa ou coisa”. De acordo com isso, “auto-estima” faz referência ao apreço, à consideração, ao carinho e/ou amor que cada um tem de si mesmo... É o significado da palavra por sua origem etimológica.<sup>2</sup>

Ainda como definição de auto-estima encontra-se no Dicionário Internacional da Psicanálise o seguinte significado: “auto-estima é a manutenção do sentimento do próprio valor ou, mais comumente, do amor próprio”.<sup>3</sup>

É sabido que a formação da auto-estima começa na infância a partir dos relacionamentos que se estabelece com as outras pessoas; sendo um resultado de um longo processo que abrange toda a vida. Ou seja, as experiências vividas no passado exercem grande influência na auto-estima das pessoas quando adultas, pois, na infância a auto-estima espelha a estima do outro.

Sendo assim, alguns fatores que podem levar a uma baixa auto-estima são as decepções, as frustrações enfrentadas quando não são bem trabalhadas (não são entendidas de forma positiva) e quando não há reconhecimento das suas ações. O que abala não é só a falta de reconhecimento por parte de alguém, mas, principalmente a falta de reconhecimento por si próprio. “A auto-estima é um componente importante da personalidade. Refere-se à percepção e valorização que o sujeito faz de si mesmo; elas determinam em boa medida

---

<sup>1</sup> ARAGÓN, Lourdes Cortes de & DIEZ, Jesus Aragon; *Auto-estima: compreensão e prática*. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004, p17.

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*, p17.

<sup>3</sup> MIJOLLA, Alain; *Dicionário Internacional da Psicanálise: conceitos, noções, biografia, obras, eventos, instituições*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005, p196.

como a pessoa se enxerga, é o encontrar-se no mundo”.<sup>4</sup> Para Emílio Romero o encontrar-se supõe que o ser humano consegue habitar seu mundo pessoal sem ser apelativo para mistificação e compensações imaginárias. Encontrar-se requer viver no mundo sentindo-se à vontade como um senhor em seus domínios.

Para Heidegger, como é bem sabido, o encontrar-se é uma característica inerente à existência humana. O *Dasein* (o existente) sempre se encontra de uma determinada maneira no mundo. Esse encontrar-se não se refere a uma posição física, social ou histórica. Todas essas referências podem influir, mas o encontrar-se aqui enfatizado aponta para as formas vivenciais de sintonizar o homem com o mundo.<sup>5</sup>

Em determinados momentos, a busca por encontrar a si mesmo, por uma autoconfiança, por uma auto-estima elevada é muito intensa, porém, não é realizada no lugar adequado por ser feita em vários lugares (nos outros, no mundo, na história) menos dentro de si, que é onde está a resposta para as suas inquietações, provocando assim uma frustração ainda maior.

Uma elevada auto-estima implica em conhecer-se profundamente e avaliar-se com justiça, identificando as qualidades, virtudes e habilidades que existem em nosso ser, aceitando-as e valorizando-as; mas, também reconhecer e aceitar com serenidade e humildade as nossas limitações e carências esforçando-se para superá-las na medida do possível sem permitir que os aspectos negativos tenham maior influência. Micheline Lacasse afirma que “meus limites são integrados na percepção que tenho de mim mesmo. Tenho então uma imagem realista de mim: minhas capacidades pessoais com suas limitações”.<sup>6</sup> A auto-estima é a atitude que se assume com relação ao que pensa, sente, diz e faz para si próprio, é o encontrar-se a si mesmo aceitando a sua personalidade, seu ser.

---

<sup>4</sup> ROMERO, Emílio; *O Inquilino do Imaginário: formas de alienação e psicopatologia*. São Paulo: Loyola, 2001, p 144.

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*, p 171.

<sup>6</sup> LACASSE, Micheline; *A Resposta está em mim: conhece te a ti mesmo*. Trad. Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 1996, p 41.

Auto-estima não quer dizer ser egoísta, egocêntrico. Pelo contrário, “ela prepara-nos para passarmos do *eu* aos outros, para o altruísmo e a solidariedade. O ser humano é na medida em que se relaciona com os outros em liberdade e generosidade”.<sup>7</sup>

Segundo Emílio Romero, os fatores que determinam a autoconfiança e a auto-estima são:

1. Deriva dos juízos dos outros significativos, internalizados pelo sujeito no período de formação da personalidade – infância e adolescência.
2. Reflete e é influenciado pelo sentimento de poder pessoal e pelas realizações pessoais.
3. Depende do grau de aceitação de si mesmo.<sup>8</sup>

No primeiro fator que determina a auto-estima é definido que nos anos da infância as pessoas vêem-se pelos olhos dos outros e, por isso, quando o outro nos demonstra estima e apreço o sentimento de auto-estima tende a fortalecer-se. Os seres humanos são seres sociais e a avaliação do outro os atinge, mas quando se começa a questionar o juízo alheio passa-se a analisar as suas avaliações a seu respeito. O segundo fator é o que nos permite refletir sobre a relação originária entre vitalidade e poder; nas experiências do cotidiano adquire-se consciência do que se é capaz e dos limites dessa capacidade. E por último é a aceitação de si mesmo aceitando as suas limitações, mas, sabendo que isso não é uma tarefa fácil.<sup>9</sup>

O ser humano precisa crer em algo superior para encontrar a harmonia da vida que se concretiza na “Paz completa”. O ser humano é tridimensional (corpo-alma-espírito). Ou seja, para uma boa auto-estima o ser humano precisa obter alguns encontros para o seu crescimento, que são: 1) um encontro com a razão do seu ser, que é o transcendente (dimensão

---

<sup>7</sup> ARAGÓN, Lourdes Cortes de & DIEZ, Jesus Aragon; *Auto-estima: compreensão e prática*. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004, p34.

<sup>8</sup> ROMERO, Emílio; *O Inquilino do Imaginário: formas de alienação e psicopatologia*, p144.

<sup>9</sup> Cf. Idem, *ibidem*, p145-146.



espiritual); 2) um encontro consigo mesmo, que é a individualização (é ser o que realmente se é); 3) um encontro com o outro (relação social).<sup>10</sup>

## 1.1 Encontro consigo mesmo

O que se pensa e se sente a respeito de si tem forte poder sobre a vida, portanto, é um fator influenciador sobre as diversas áreas da vida do ser humano. Ou seja, a auto-estima é importante para a realização pessoal porque “...de todos os julgamentos que fazemos, nenhum é tão importante quanto o que fazemos sobre nós mesmos. A auto-estima positiva é requisito importante para uma vida satisfatória”.<sup>11</sup> Não é possível ter uma auto-estima sadia sem adquirir informações sobre si mesmo. Algumas pessoas passam pela vida inconscientes de si mesmas, adormecidas, e outras negam se conhecer.<sup>12</sup>

Na antropologia de Jean Paul Sartre o homem nada mais é que aquilo que faz de si mesmo, ou seja, a vida é concedida para ser vivida e temos liberdade para escolher o caminho a seguir. O ser humano é singular (único) e vai experimentar tanto realidades agradáveis quanto dolorosas no caminhar de sua vida,<sup>13</sup> essas experiências auxiliam na formação da auto-estima e no desenvolvimento da personalidade do indivíduo.

Algumas situações dolorosas levam o ser humano a negar a si mesmo em detrimento do outro, rejeitando a si próprio para ser aceito pelos outros e sendo capaz de lutar pela realização do outro, mas, é incapaz de buscar a sua realização. É um desvalorizar-se para a valorização do outro de forma a pensar que assim será aceito e amado pelo outro o que pode

---

<sup>10</sup> Cf. PEREIRA, Josias, No curso de Aconselhamento Pastoral Igreja: Comunidade Terapêutica? no dia 30 de setembro de 2005.

<sup>11</sup> BRANDEN, Nathaniel; *Auto-estima: como aprender a gostar de si mesmo*. Trad. Ricardo Gouvêa. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2003, p09.

<sup>12</sup> Cf. ARAGÓN, Lourdes Cortes de & DIEZ, Jesus Aragon; *Auto-estima: compreensão e prática*. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004, p22.

<sup>13</sup> Cf. HURDING, Roger F; *A Árvore da Cura: modelos de aconselhamento e de psicoterapia*. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1995, p46 e147.

gerar um problema na personalidade do indivíduo, pois, se cria uma projeção do que se deseja ser (negação) ao invés de ser o que realmente é; não é necessário se negar para ser aceito.

A autocondenação, substituto da autovalorização, fornece ao indivíduo um método de evitar uma confrontação honesta e franca com seus problemas de isolamento e desvalorização inclina para uma pseudo, e não a verdadeira humildade de quem procura enfrentar sua situação com realismo e agir de modo construtivo.<sup>14</sup>

Essa situação gera uma baixa auto-estima devido a não aceitação de si mesmo provocando um conflito entre o que se sente e o que se vive, vivendo uma falsa realidade. Nathaniel Branden afirma que “não é necessário que nos odiemos antes de aprender a nos amar mais; não é necessário nos sentir inferiores para que queiramos nos sentir mais confiantes”.<sup>15</sup> A auto-estima é a imagem que se faz de si mesmo e o peso que se dá às qualidades, limitações e experiências agradáveis (satisfatórias) ou dolorosas (frustrações).

A auto-estima relaciona-se com os pensamentos e sentimentos elaborados pelo indivíduo a partir de seus comportamentos e das conseqüências deste no ambiente. Esses sentimentos serão tanto mais positivos quanto maior a segurança da pessoa de estar fazendo o que acredita mais correto, mais justo, mais adequado, mesmo que não atinja os objetivos. Atingir os objetivos gera satisfação e uma auto-avaliação positiva, mas, quando isso ocorre às custas de humilhação, autodepreciação, falsas promessas, intimidação etc., pode devido à incoerência entre pensamentos e ações, reverter em prejuízos para a auto-estima. A exceção a essa regra refere-se às pessoas psicologicamente doentes incluindo-se, aqui, as extremamente ambiciosas e cínicas. Por outro lado, sacrificar os próprios objetivos ou priorizar as necessidades e direitos do outro, em detrimento dos próprios, comportando-se de forma passiva, usualmente também afeta a auto-estima e a autoconfiança trazendo a médio ou mesmo a curto prazo insegurança e relações sociais insatisfatórias para o indivíduo.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> MAY, Rollo; *O Homem à Procura de Si Mesmo*. Trad. Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1986, p82.

<sup>15</sup> BRANDEN, Nathaniel; *Auto-estima: como aprender a gostar de si mesmo*. Trad. Ricardo Gouvêa. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2003, p11.

<sup>16</sup> Citação extraída de uma apostila não publicada de estudo de psicologia composta por vários textos, sendo essa do texto que tem por título Desenvolvimento da Competência Social e relações Interpessoais, p35.

Porém a auto-estima não quer dizer somos egoísta, egocêntrico, pelo contrário, pois a partir do momento que a pessoa se conhece e se respeita, adquire condições de se relacionar com os outros de forma saudável, posto que o ser humano é um ser relacional. O amor próprio é o oposto de egoísmo, isto é, a pessoa que se sente indigna necessita da valorização pelo egoísmo enquanto a pessoa que tem uma compreensão sadia do próprio valor e se ama possui as bases para agir com generosidade em relação ao próximo.<sup>17</sup> Conforme Nathaniel Branden:

Se “egoísmo” significa “estar preocupado com interesses particulares”, é claro que a busca da auto-estima e do desenvolvimento pessoal é egoísta. Assim como a busca da saúde física. Assim como a busca da sanidade. Assim como a busca da felicidade. Assim como a busca do ar que respiramos. Se isso é mau, como vamos existir? Não podemos repudiar o eu sem repudiar a vida. Portanto, para ter uma vida bem-sucedida, precisamos de uma ética de auto-interesse racional, até que estejamos preparados para respeitar o direito do indivíduo à sua própria vida. Até que entendamos que cada pessoa, inclusive nós mesmos, é um fim em si e não um meio para os fins dos outros, não poderemos pensar com clareza sobre a nossa própria existência ou sobre os requisitos para a felicidade humana.<sup>18</sup>

Uma elevada auto-estima prepara a pessoa para uma saudável relação para com os outros, sem esquecer de seus próprios ideais e objetivos. Como já diz a música “o melhor presente que Deus me deu, a vida me ensinou a lutar pelo que é meu”.<sup>19</sup>

## 1.2 Encontro com o outro

O outro também tem a sua contribuição para a auto-estima, pois o auto-conhecimento também é construído com a ajuda dos outros. Quando nos referimos ao outro fazemos uma

---

<sup>17</sup> Cf. MAY, Rollo; *O Homem à Procura de Si Mesmo*. Trad. Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1986, p83.

<sup>18</sup> BRANDEN, Nathaniel; *Auto-estima: como aprender a gostar de si mesmo*. Trad. Ricardo Gouvêa. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2003, p132.

<sup>19</sup> Música “*lutar pelo que é meu*” de Charlie Brown Jr.

alusão a todas as pessoas com quem nos relacionamos, ou seja, familiares, amigos, pessoas que de outras comunidades, a mídia, a cultura.

As outras pessoas também participam na formação da auto-estima, principalmente no período da infância e adolescência. Ou seja, as primeiras experiências do bebê com sua mãe ou cuidadora fundam as bases da personalidade da criança, em especial de sua habilidade de conhecer-se e se amar.<sup>20</sup> A conscientização do seu eu de ser diferente do outro se baseia fundamentalmente nas percepções que a criança tem das reações dos outros com respeito a si. As pessoas que têm uma significação especial para a criança são verdadeiros construtores de sua auto-estima. Já na adolescência a pessoa tende a começar a conhecer-se novamente porque é o período em que surgem mudanças internas e externas (crise de identidade). Clark, Cledes e Bean (1996), três especialistas em auto-estima, consideram que os adolescentes podem desenvolver uma estima elevada se experimentam positivamente:

1-Vinculação: resultado da satisfação que o adolescente obtém ao estabelecer vínculos que são importantes para ele e que os outros também reconhecem como importante. 2-Singularidade: resultado do conhecimento e respeito que o adolescente sente pelas qualidades ou atributos que o tornam especial ou diferente, apoiado pelo respeito e pela aprovação que recebe dos outros por essas qualidades. 3-Poder: consequência da disponibilidade de meios, de oportunidades e de capacidade no adolescente para modificar as circunstâncias de sua vida de maneira significativa. 4-Modelo ou pautas: pontos de referência que dotam o adolescente dos exemplos adequados, humanos, filosóficos e práticos, que lhe são úteis para estabelecer sua escala de valores, seus objetivos, ideais e modos próprios.<sup>21</sup>

Percebe-se a importância do outro na formação da auto-estima do indivíduo entendendo que a verdadeira auto-estima não se expressa pela autoglorificação à custa dos outros pelo ideal de se tornar superior aos outros ou diminuí-los para se elevar.<sup>22</sup> Nathaniel Branden afirma que “uma das características mais significativas da auto-estima saudável é que

---

<sup>20</sup> ARAGÓN, Lourdes Cortes de & DIEZ, Jesus Aragon; *Auto-estima: compreensão e prática*. Trad Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004, p90.

<sup>21</sup> Idem, ibidem, p112.

<sup>22</sup> Cf. BRANDEN, Nathaniel; *Auto-estima: como aprender a gostar de si mesmo*. Trad. Ricardo Gouvêa. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2003, p13.

ela é o estado da pessoa que não está em guerra consigo mesma ou com os outros”.<sup>23</sup> Quando uma pessoa não tem uma boa formação de sua auto-estima ela não consegue se relacionar saudavelmente com o outro. No livro “*A Resposta está em mim*” de Micheline Laçasse encontramos a seguinte afirmação:

No mais íntimo de mim, duvido do meu valor. Não me sinto alguém de bem e de importância. Essa percepção negativa de minha pessoa é difícil de suportar. Então me defendo. Devo ser então uma pessoa perfeita, sem fraquezas, sem erros, sem limites e principalmente que saiba tudo, conheça tudo e sempre tenha razão. Com tal exigência pesando sobre mim, como poderei, na vida cheia de falhas e fracassos, não encontrar bodes expiatórios culpados e responsáveis pelos males que me acontecem. Para ter a sensação de que sou alguém, é preciso que eu faça alguma outra pessoa sentir que ela não é nada.<sup>24</sup>

Quando não temos uma elevada auto-estima, quando não reconhecemos e não aceitamos nossas limitações e potencialidades não conseguimos nos relacionarmos com o outro, pois fazemos do outro o “bode expiatório”, colocando-os como responsáveis pelos nossos problemas. A partir do momento que há uma desvalorização pessoal começa a ocorrer uma série de problemas para a vida do indivíduo, porque tende a culpar o outro por tudo que acontece de incorreto ou se sente inferior ao outro gerando um isolamento. Sendo assim, ele mantém relações limitadas com o outro.

O ser humano tem a necessidade do sentimento de pertença (sentir-se parte), precisa se sentir envolvido como outras pessoas, se sentir parte de um grupo. Como ser relacional há uma grande necessidade de aceitação do outro, o que pode gerar uma elevada auto-estima ou uma baixa auto-estima, pois em alguns momentos o indivíduo não encontrará o sentimento de pertença. O outro pode construir ou prejudicar a auto-estima de uma pessoa. O que a pessoa leva uma vida para construir, o outro vem com uma atitude e prejudica.

---

<sup>23</sup> BRANDEN, Nathaniel; *Auto-estima: como aprender a gostar de si mesmo*. Trad. Ricardo Gouvêa. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2003, p13-14.

<sup>24</sup> LACASSE, Micheline; *A Resposta está em mim: conhece-te a ti mesmo*. Trad. Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 1996, p66.

No mundo capitalista em que vivemos, muitas pessoas não estão mais interessadas no que o indivíduo está vivendo, sendo uma sociedade individualista com fortes expressões de menosprezo e de pouco apreço pelo outro, o que leva a uma baixa auto-estima. Por causa de uma baixa auto-estima o ser humano encontra dificuldade para fazer elogios e usar expressões de estímulo para com outro.

Como já foi falado anteriormente, a busca por uma auto-estima elevada não é o mesmo que ser egoísta, pois uma auto-estima elevada desenvolve uma vida relacional saudável. Quando nos conhecemos, nos aceitamos e nos respeitamos somos capazes de nos relacionarmos de forma a ajudar na formação positiva da auto-estima do outro, já que em muitos momentos nós motivamos o outro a se amar e se aceitar do jeito que ele próprio é, pois “como sempre estou mais do seu lado do que você”.<sup>25</sup>

### 1.3 Encontro com a dimensão espiritual

De acordo com Viktor Frankl o ser humano é caracterizado por uma autotranscendência (nos estendemos para além de nós mesmos), somente quando superamos a nós mesmos é que temos condições de sermos seres humanos, com isso ele elabora o conceito da logoterapia.<sup>26</sup> “A logoterapia reserva o termo transcendência à dimensão espiritual. Esta dimensão torna o homem capaz de se distanciar de si mesmo e de se orientar para algo diverso de si”.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Música “*não olhe para trás*” do grupo Capital Inicial.

<sup>26</sup> Logoterapia: *logos* que é palavra grega que significa verbo, palavra, mas Frankl emprega a *logos* em seu outro sentido principal que é significado. É uma terapia que procura fazer aflorar a “significação” na vida do ser humano, levando a busca pela mudança construtiva para a área do significado da experiência humana e de suas dimensões espirituais, é a terapia do lado espiritual, a premissa do sistema, mas, ao mesmo tempo, é técnica específica na relação médico-paciente: é o ponto de partida e o horizonte espiritual de todo o sistema.

<sup>27</sup> PETER, Ricardo; *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. Trad. Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus, 1999, p91.

Frankl afirma que o ser humano a cada dia que passa está experimentando mais e mais um vácuo existencial (é a perda de um parâmetro moral para a vida que o havia levado a uma profunda incerteza quanto ao que é preciso e ao que é imperativo fazer, quando a vida não tem mais sentido), e com isso descobre-se o desejo inerente do ser humano de alcançar significado para a vida,<sup>28</sup> a busca pelo sentido da vida.

Frankl diz em termos agostinianos que “o coração do homem está inquieto, a menos que haja encontrado e realizado um sentido e propósito na vida”.<sup>29</sup> Para ele há uma singularidade de sentidos, pois cada pessoa possui um sentido para sua vida, mas isso não impede que haja situações em que elas compartilhem do mesmo sentido. O sentido da vida vai além de si mesmo, podendo ser conferidos a dimensão espiritual, sendo consciente ou inconscientemente. O destaque conferido por Frankl ao inconsciente se vê quando ele escreve que:

Fenômenos espirituais podem ser inconscientes ou conscientes; o fundamento espiritual da existência humana é, em última instância, inconsciente. Dentro do inconsciente espiritual, ele postula uma perspectiva transcendente em que um indivíduo pode relacionar-se com Deus num nível inconsciente. No entanto, para evitar confusão, ele acrescenta: “Isso de modo algum faz supor que Deus seja inconsciente para consigo mesmo, antes que pode ser inconsciente para com o homem, podendo a relação do homem com Deus ser inconsciente”.<sup>30</sup>

O que Frankl quer é ajudar o ser humano (espírito humano) a encontrar significado na vida (é uma necessidade de todo ser humano), o qual só é alcançado quando se estende para as idéias além de si mesmo, para as outras pessoas e para o próprio Deus. Somente a dimensão espiritual deixa transparecer aquilo que constitui a realidade específica do ser humano.<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> Cf. HURDING, Roger F; *A Árvore da Cura: modelos de aconselhamento e de psicoterapia*. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1995, p150 e151.

<sup>29</sup> PETER, Ricardo; *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. Trad. Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus, 1999, p59.

<sup>30</sup> HURDING, Roger F; *A Árvore da Cura: modelos de aconselhamento e de psicoterapia*. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1995, p152.

<sup>31</sup> PETER, Ricardo; *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. Trad. Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus, 1999, p36.

Percebemos que para alcançar uma auto-estima elevada também é preciso estar bem na dimensão espiritual da vida. Precisa-se descobrir o que dá significado à vida. Algumas pessoas põem o seu significado de vida em coisas pequenas, o que pode gerar uma baixa auto-estima porque em algum momento esse significado pode já não mais existir, pode lhe ser tirado e assim surgir uma série de frustrações devido a ausência de sentido passando a viver o vácuo existencial, o que pode levá-la até mesmo ao suicídio já que não há mais sentido de vida, não existindo razão/motivo de viver.<sup>32</sup> O ser humano perde qualquer apreço, autovalorização que uma pessoa pode ter, passando a viver uma intensa crise de baixa auto-estima.

A dimensão espiritual, que é transcender a nós mesmos e dar sentido a vida, é extremamente importante para uma auto-estima elevada pois, se não estamos bem com o nosso espiritual não adianta estarmos bem conosco mesmo e com o outro porque ainda existirá um vazio que não pode ser suprido por qualquer outra dimensão que não seja a espiritual. Para que o ser humano viva bem e tenha uma auto-estima elevada é precisa estar bem consigo, com o outro e com a dimensão espiritual, assim ele terá uma vida saudável e harmoniosa.

## 2 Auto-estima em uma perspectiva bíblico-teológica

Para falar de auto-estima em uma perspectiva bíblico-teológica teremos como base as perícopes de Marcos 5.25-34 e Marcos 12.28-33 que são, respectivamente:

E certa mulher, que havia doze anos tinha um fluxo de sangue, e que havia padecido muito com muitos médicos, e despendido tudo quanto tinha, nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior, ouvindo falar de Jesus, veio por detrás, entre a multidão, e tocou na sua vestimenta. Porque dizia: Se tão somente tocar nas suas vestes, sararei. E logo se lhe secou a fonte de seu sangue, e sentiu no seu corpo estar já curada daquele mal. E logo Jesus, conhecendo que a virtude de si mesmo saíra, voltou-se para a multidão e disse: Quem tocou nas minhas vestes? E disseram-lhe os seus discípulos: Vês que a multidão te aperta, e dizes: Quem me tocou? Ele olhava em redor, para ver a que isso fizera. Então, a mulher, que sabia o que lhe tinha

---

<sup>32</sup> Pensamento semelhante ao de Paul Tillich no livro *A Coragem do Ser*.



acontecido, temendo e tremendo, aproximou-se, e prostrou-se diante dele, e disse-lhe toda a verdade. E ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai em paz e sê curada deste teu mal.<sup>33</sup>

Aproximando-se dele um dos escribas que os tinha ouvido disputar e, sabendo que lhes tinha respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o primeiro de todos os mandamentos? E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes. E o escriba lhe disse: muito bem, Mestre, e com verdade disseste que há um só Deus e que não há outro além dele; e que amá-lo de todo o coração, e de todo o entendimento, e de toda a alma, e de todas as forças é amar o próximo como a si mesmo é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios.<sup>34</sup>

O assunto será desenvolvido de acordo com essas perícopes porque não há em nenhuma passagem bíblica, o termo auto-estima. Analisaremos nestes textos como era desenvolvida a auto-estima (auto-apreço, autovalorização) na vida dessa sociedade no período do ministério de Jesus, verificando como já era importante para uma realização pessoal manter uma elevada auto-estima, que não depende só do indivíduo.

Nesses textos, destacamos várias características que constituem uma elevada auto-estima, uma personalidade integrada. Veremos que a partir do momento em que acreditamos e confiamos em nós mesmos somos capazes de construir a nossa realização pessoal e nos relacionarmos em amor com Deus e com os outros. Ao realizarmos uma análise bíblico-teológica encontramos que a base do ministério de Jesus é o amor, sendo que a palavra amor é uma palavra-chave para entender o seu ministério já que em todas as suas atitudes e milagres vemos uma grande demonstração de amor, amor ao Pai (Deus) e ao próximo.

---

<sup>33</sup> BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995. Edição revista e corrigida no Brasil.

<sup>34</sup> Idem, *ibidem*.

## 2.1 Encontro consigo mesmo

No texto de Marcos 5.25-34, a mulher do fluxo de sangue enfrenta muitas dificuldades, porque devido à doença que possuía, ela era excluída da sociedade e, considerada impura e fonte de contaminação (tudo o que tocava se tornava impuro e por isso ela deveria se manter afastada de tudo e de todos); além do mais, só por ser mulher já existia uma exclusão porque era considerada menos estável e culturalmente mais fraca. Ela:

Sofre em seu corpo uma enfermidade que é um peso em vários sentidos: econômico (gastou tudo e ia piorando sempre mais), religioso/social (ritualmente impura, excluída) e familiar (impossibilidade de engravidar. Aliás, não sabemos se tinha família. Jesus, no entanto, a trata como filha)...Há doze anos essa mulher carrega a enfermidade que a exclui de tudo, também da fecundidade do útero, dado muito importante naquela cultura.<sup>35</sup>

Essa mulher, que não tem nome, não se deixa vencer por essa situação degradante da vida, mas, vai em frente buscando sua dignidade. Corajosamente ela interrompe a história de um homem importante (Jairo) e transgredir as leis do sistema vigente para tocar em Jesus, rompendo com todos os obstáculos.<sup>36</sup> Não foi Jesus que se aproximou dela e sim ela que teve a iniciativa de passar por toda a multidão (o que era uma dificuldade para alcançar a Jesus) e tocar a Jesus para obter a cura. Sendo assim, percebe-se que essa mulher confiou em sua atitude (tocar em Jesus), teve determinação e acreditou que alcançaria o seu objetivo (cura) não desistindo diante de todas as dificuldades existentes. E Jesus disse que ela obteve o seu objetivo por meio da “*sua*” fé.

Então, entende-se que a situação desta mulher não a favorecia que tivesse uma elevada auto-estima (o que a princípio ela não possuía), mas, no entanto, ela não desiste e acredita em si mesma, pois, surge uma esperança em sua vida ao ouvir falar de Jesus proporcionan-

---

<sup>35</sup> BORTOLINI, José; *O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos*. São Paulo: Paulus, 2003, p109.

<sup>36</sup> SOARES, Sebastião Armando Gamaleira Soares & JÚNIOR, João Luiz Correia; *Evangelho de Marcos: refazer a casa*. Petrópolis: Vozes, 2002. Vol. I. Coleção Comentário Bíblico, p233.

do-a uma elevada auto-estima que a motiva a passar por todos os obstáculos para alcançar o seu objetivo, que era a cura e dignidade de vida. Encontra-se nessa mulher uma elevada auto-estima quando ela decide buscar o seu ideal acreditando em si mesma, acreditando em seu potencial e em sua fé.

Mesmo nos tempos modernos como hoje ainda nos deparamos com sociedades exclusivistas como a do texto de Marcos 5. 25-34 mas, precisamos agir como aquela mulher que não desacreditou em si mesma (em sua fé) e não se acomodou à desgraça, para que se desenvolva em nós uma elevada auto-estima proporcionando a mesma força de vontade e coragem para reverter as dificuldades da vida. O texto bíblico nos leva a entender que quando se tem uma elevada auto-estima o milagre de Deus pode acontecer, as situações podem se reverter, mas, é preciso acreditar em si mesmo e dar o passo de iniciativa. Para uma vida melhor é preciso acreditar e confiar em seu potencial. Na narrativa de Marcos 5.25-34 há um incentivo para o ser humano confiar e acreditar em si próprio, mesmo quando as circunstâncias não são favoráveis, o medo se faça presente (v.33) e a sociedade o exclua.

Percebe-se que Jesus procura despertar-nos para o amor a Deus, ao próximo e a nós mesmos, mas quando Jesus fala com os doutores da lei sobre o segundo mandamento (Marcos 12.33), ele não está fazendo menção ao amor próprio, e sim fazendo uma crítica aos doutores da Lei já que “eles detestavam o povo e o exploravam em nome da religião”.<sup>37</sup> Jesus está instruindo-os a amar o povo como a eles mesmos. Sendo assim, Jesus quer que amemos aos outros porém, quando temos uma baixa auto-estima não conseguimos nem amar a nós mesmos quanto mais amar ao próximo, pois como está escrito em Provérbios 4.23 “sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da

---

<sup>37</sup> BORTOLINI, José; *O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos*. São Paulo: Paulus, 2003, p230.

vida”<sup>38</sup>, e isso nos leva a pensar que precisamos nos valorizar e nos cuidar para que possamos encontrar saídas de vidas. Jesus pretendia que os doutores da Lei deixassem de ser egoístas e amassem o próximo como a eles mesmos propondo que vivessem uma vida em comunhão com o próximo, pois “o amor é a lei da vida para todos os que o seguem”.<sup>39</sup> O teólogo Paul Tillich afirma que:

Nas histórias bíblicas da criação, Deus produz seres individuais e não universais, Adão e Eva em vez das idéias de humanidade e feminilidade... Quando a individualização alcança a forma perfeita que chamamos “pessoa” a participação alcança a forma perfeita que podemos chamar “comunhão”... Nenhum ser pessoal existe sem ser comunitário. A pessoa como eu individual plenamente desenvolvido é impossível sem outros eus plenamente desenvolvidos. Se não encontrasse a resistência de outros eus, todo eu tentaria fazer-se a si mesmo absoluto.<sup>40</sup>

Entende-se que cada ser humano tem suas individualidades (particularidades), porém são seres relacionais. Quando conhecemos nossas individualidades, estamos prontos para a comunhão com os outros que também possuem suas individualidades. Ao se ter uma elevada auto-estima nós saímos de nós mesmos e vamos em direção ao outro para vivermos em uma comunidade que manifesta os cuidados uns aos outros, vivendo em comunhão. É amar a si mesmo e sair ao encontro do outro.

## 2.2 Encontro com o outro

Através dos Evangelhos percebe-se que Jesus era verdadeiramente humano e divino. No encontro com o outro nos referimos a Jesus como ser humano, pois, analisaremos as

---

<sup>38</sup> BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995. Edição revista e corrigida no Brasil.

<sup>39</sup> MULHOLLAND, Dewey M, *Marcos: introdução e comentário*. Trad. Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, p189.

<sup>40</sup> TILLICH, Paul; *Teologia Sistemática: três volumes em um*. Trad. Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas e Sinodal, 1984, p150 e 152.

suas atitudes como um ser humano que ajuda na formação positiva da auto-estima do outro, como um ser humano que foi.

Na narrativa da cura da mulher com um fluxo de sangue pode-se encontrar duas situações que influenciam na formação da auto-estima de uma pessoa – atitude dos outros para conosco que afetam nossa auto-estima. A primeira situação é o comportamento da sociedade, a outra é a atitude de Jesus (humano). A sociedade dessa narrativa era extremamente exclusivista em várias dimensões (social, política, econômica, religiosa). As pessoas excluídas da sociedade são:

Os sem-nome, sem-identidade, sem-prestígios, doentes físicos, homens e mulheres como a hemorroíssa. São pessoas pobres, ou que se tornaram empobrecidas em virtude dos mais diversos dramas existenciais causados por uma sociedade que não dá vez para a minoria. São pessoas excluídas não apenas socialmente, mas também cultural, pois são estigmatizadas como impuras pelo ritualismo religioso.<sup>41</sup>

A sociedade da época de Jesus muitas vezes influenciava negativamente na formação da auto-estima do indivíduo com tais características. Quando as pessoas se sentem excluídas, rejeitadas, onde existe o sentimento de incapacidade e impotência causado pelos relacionamentos, ou falta do mesmo – assim como a falta de relacionamento da sociedade com os excluídos, tal como na narrativa de Marcos 5.25-34 – geram uma baixa auto-estima, pois, há uma desvalorização do ser humano.

Ao fazer uma análise comparativa com a sociedade de hoje, percebe-se que ela também é exclusivista pois, como existe o ditado popular “você é o que você tem” ela exclui uma boa parte da sociedade (pessoas de classe baixa), ou quando o ser humano não se enquadra no padrão da mídia. A mídia tem um forte poder de influência sobre as pessoas, podendo gerar uma baixa auto-estima nas pessoas e um exemplo muito comum é a questão da

---

<sup>41</sup> CORREIA JÚNIOR, João Luiz, *O Poder de Deus em Jesus: um estudo de duas narrativas de milagres em Mc5, 21-43*. São Paulo: Paulinas, 2000. Coleção bíblica e histórica, p87.

beleza: as mulheres consideradas bonitas são as magras e as que não obtém essa característica acabam tendo uma baixa auto-estima por não serem o que a mídia expõe. Na Bíblia a sociedade – ou grupo que estamos inseridos – tem um forte poder de influência na auto-estima do ser humano e na narrativa de Marcos 5.25-34 influencia negativamente mas, pode-se perceber que ela poderia agir diferente se desejasse.

No entanto, Jesus age diferente da sociedade, o que influencia a auto-estima daquela mulher de forma positiva. Quando Jesus sente que tinha sido tocado de forma diferente, ele pergunta quem havia realizado tal ato, com o objetivo de tirá-la do anonimato e trazer a dignidade à vida dessa pessoa e, para isso, era necessário que a pessoa (a mulher) ficasse em evidência para elevar-se da condição de humilhada e excluída. A atitude que influenciou positivamente a auto-estima dessa mulher não foi somente a cura ocorrida, mas, acima de tudo a atitude de tirá-la do anonimato e dá-la a dignidade de volta, principalmente ao chamá-la de filha concedendo-a uma família. E no momento em que Jesus conversa com ela, lhe diz que foi curada e a chama de filha há uma inversão de sua situação anterior que era de marginalizada e estéril. Foi realizada uma ação restauradora de sua condição como ser humano.

Jesus lhe proporciona mais que uma cura física, ele doa-se a si mesmo num relacionamento pessoal ao tratá-la com ternura chamando-a de filha<sup>42</sup> desenvolvendo um relacionamento saudável, o que influenciou na auto-estima daquela mulher. “Jesus lhe devolve a dignidade, Ele a valoriza como pessoa... ao conversar com ela publicamente, e ao elogiar sua fé”.<sup>43</sup> Podemos analisar que o ministério de Jesus é marcado por atitudes de incentivo as

---

<sup>42</sup> Cf. COLAVECCHIO, Ronaldo L, *O Caminho do Filho de Deus: contemplando Jesus no evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2005. Coleção Teologia bíblica, p77.

<sup>43</sup> MJULHOLLAND, Dewey M, *Marcos: introdução e comentário*. Trad. Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, p97.

peessoas, e demonstração do seu amor e respeito por elas. Jesus é um exemplo de bom construtor de auto-estima.

Jesus nos instrui a mantermos um relacionamento saudável com as outras pessoas (assim como foi com a mulher do fluxo de sangue) e a amarmos uns aos outros - sendo esse o seu segundo mandamento (Mc12.31) - e vivenciarmos uma vida de motivação. É importante motivarmos e sermos motivados uns pelos outros para que vivamos de forma a construir elevada auto-estima mutuamente, mostrando quem somos e ajudando o outro a se descobrir, desenvolvendo-nos para uma vida em amor, e comunhão.

## 2.3 Encontro com a dimensão espiritual

Fica-se pensando que relação há entre Deus e auto-estima, mas, quando temos a concepção de que Deus é amor encontramos a relação existente: “Deus é amor e, por isso mesmo, modelo supremo de auto-estima”,<sup>44</sup> pois a auto-estima nada mais é que amar a si mesmo, amor esse que nos habilita a amar o próximo e Deus. De acordo com Paul Tillich

O amor do homem para Deus é o amor com o qual Deus se ama a si mesmo. Esta é uma expressão da verdade de que Deus é sujeito, mesmo onde ele parece ser objeto. Isto aponta diretamente ao auto-amor divino e indiretamente, por analogia, a um auto-amor humano divinamente exigido. Onde é descrita a relação das *personae* trinitárias em termos de amor (*amans, amatus, amor-Agostinho*) é descrita uma afirmação sobre Deus amando-se a si mesmo... A vida divina é o auto-amor divino. Através da separação *dentro* de si mesmo Deus se ama a si mesmo. E através da separação *de* si mesmo (na liberdade da criatura) Deus plenifica seu amor de si mesmo – primeiramente porque ele ama aquilo que está alienado dele. Isto torna possível aplicar o termo *ágape* ao amor pelo qual o homem ama a si mesmo, isto é, a si mesmo como imagem eterna na vida divina.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> Cf. ARAGÓN, Lourdes Cortes de & DIEZ, Jesus Aragon; *Auto-estima: compreensão e prática*. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004, p235.

<sup>45</sup> TILLICH, Paul; *Teologia Sistemática: três volumes em um*. Trad. Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas e Sínodal, 1984, p235-236.

Deus nos ensina a o amor próprio. Ele ama a si mesmo e instrui-nos a fazer o mesmo revelando-se um Deus que é amor e, por isso, a concepção que se tem de Deus influenciará muito na formação da auto-estima. Cada pessoa possui uma concepção do Transcendental. Se em nossa concepção entendemos que somos pobres criaturas, incapazes, imperfeitas, vulgares, nascidas escravas do pecado, que Deus está sempre pronto para nos castigar ao menor descuido e que não somos nada, não há porque nos esforçarmos para fazer algo, pois, com certeza faremos tudo errado e esta concepção contribui para uma baixa auto-estima. Mas, ao entender que somos os maiores seres da criação porque Deus nos criou à sua imagem e semelhança, que temos muitas coisas boas para oferecermos, que somos capazes de realizar algo proveitoso, que Deus é amor e não vingança e que com certeza nos ama muito, estaremos pensando corretamente para uma boa formação de nossa auto-estima.<sup>46</sup>

Ao falar de um Deus que é amor e que somos a sua imagem e semelhança não há porque não nos amarmos. Se Deus nos valoriza porque temos que nos auto-desvalorizar? Em Deus nos sentimos amados e valorizados e esse sentimento nos envolve de forma a levar esse amor a outras pessoas e a ajudá-las para que possam aceitar-se a si mesmo como são e se amarem. Marcos 12.30 nos diz que temos que amar a Deus sobre todas as coisas e quando isso acontece, descobrimos que somos seres que amam e que necessitam ser amados e, assim, procuramos distribuir esse amor que vem de Deus. Ao falar em imagem de Deus estamos nos referindo ao

Homem é a imagem de Deus naquilo que difere de todas as outras criaturas, a saber: em sua estrutura racional. Sem dúvida, o termo “racional” está sujeito a muitos equívocos. Racional pode ser definido como razão técnica no sentido de argumentar e calcular. Daí a definição aristotélica do homem com *animal rationale* é tão errada quanto a descrição de imagem de Deus em termos de sua natureza racional. Mas razão é a estrutura da liberdade, e implica em infinitude potencial. O homem é a imagem de Deus porque nele os elementos ontológicos estão completos e unidos em uma base criatural, bem

---

<sup>46</sup> Cf. ARAGÓN, Lourdes Cortes de & DIEZ, Jesus Aragon; *Auto-estima: compreensão e prática*. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004, p236-237.



como estão completos e unidos em Deus como fundamento criativo. O homem é a imagem de Deus porque seu *logos* é análogo ao *logos divino*, de forma que o *logos* divino pode aparecer como homem sem destruir a humanidade do homem.<sup>47</sup>

Somos imagem de Deus porque temos uma característica diferente de todas as outras criaturas, pois, possuímos uma estrutura racional, razão no sentido de liberdade e implicações em infinitude potencial. A infinitude em potencial o leva a realizar perguntas por Deus já que o ser humano sabe que é finito e que está excluído de uma infinitude a qual lhe pertence. O ser humano tem necessidades de transcender a si mesmo e, por isso pergunta por Deus, ele precisa perguntar por aquilo que o dá coragem para assumir sua ansiedade sobre si mesmo.<sup>48</sup> Quando o ser humano não se pergunta por Deus surge um vazio – perguntar por Deus é perguntar por sua infinitude em meio a finitude da vida. A pessoa vivencia um vazio que é a falta de algo para o “Ser” ser completo. E tal vazio leva a pessoa a uma baixa auto-estima porque lhe falta um sentido de vida, lhe falta um transcender a si mesmo. Ao perguntar por Deus a pessoa está perguntado por si mesmo porque Deus é a segurança com relação a infinitude do ser humano, tornando-se o próprio sentido de vida.

### 3 Análise comparativa

Ao desenvolver uma análise comparativa entre a perspectiva psicológica e a perspectiva bíblico-teológica da auto-estima procura-se destacar os pontos semelhantes e divergentes que possam existir. Tendo como ponto de partida que as duas perspectivas não são contrárias uma a outra, mas sim complementares.

---

<sup>47</sup> TILLICH, Paul; *Teologia Sistemática*: três volumes em um. Trad. Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas e Sinodal, 1984, p218.

<sup>48</sup> Cf. Idem, *ibidem*, p176.

### 3.1 Encontro consigo mesmo

Numa perspectiva psicológica a auto-estima é o amor próprio, a aceitação de si mesmo com suas qualidades e defeitos. O julgamento que faz de si mesmo é o mais importante de todos já que o pensamento construído de si mesmo influenciará nos relacionamentos com as outras pessoas.

Ter uma elevada auto-estima não quer dizer ser egoísta (egocêntrico), mas sim, o contrário, pois, só quando eu me aceito e me amo é que estou preparado/a para estabelecer uma rede de relacionamentos saudáveis confiando nas pessoas que estão próximas (familiares, namorado/a, amigos/as, etc).

Na perspectiva bíblico-teológica a auto-estima não é diferente. É amar a si mesmo e ter coragem de buscar o seu ideal acreditando em seu potencial, em sua fé, mesmo quando as situações são contrárias a própria vida, porque é quando temos uma elevada auto-estima que o milagre de Deus acontece.

Para o milagre de Deus acontecer é necessário ter iniciativas e fé, e isso só é possível quando nos amamos, quando nós nos valorizamos respeitando os nossos limites, reconhecendo que não somos super-homens e super-mulheres e, por isso, precisamos do milagre de Deus que se revela na relação com o próximo. Então, entende-se que temos nossas individualidades, mas, que também precisamos do outro para manter uma vida completa. Há uma necessidade de viver em uma comunidade e de vivenciar o milagre de Deus.

### 3.2 Encontro com o outro

Nas duas perspectivas a presença e participação do outro é muito importante para a formação da auto-estima do indivíduo, tanto positiva quanto negativamente; é um fator de forte influência, pois, ambas tem a concepção de que somos seres relacionais.

Porém na perspectiva psicológica fica mais clara a questão de que quando não temos uma elevada auto-estima, freqüentemente fazemos do outro o “bode expiatório”, o outro passa a ser o responsável pelas limitações e erros cometidos. Quando não se tem uma elevada auto-estima o outro se torna uma “pedra de tropeço” e, assim, não o ajudamos na sua auto-estima e ele também não nos ajuda. O que o outro pensa de nós tem grande influência sobre a nossa vida; é preciso estar bem consigo mesmo para que as nossas relações sejam saudáveis.

A perspectiva bíblico-teológica dá maior destaque para a necessidade de amarmos uns aos outros de forma a ter as mesmas atitudes de Jesus, que é o exemplo de um bom construtor de auto-estima. Jesus procura promover uma maior valorização do ser humano demonstrando o seu amor e respeito devolvendo a dignidade da vida a quem não tinha – os que são excluídos da sociedade por suas limitações e dificuldades. Nessa perspectiva há uma maior preocupação em despertar as pessoas a manter relacionamentos saudáveis que promovam a vida com relações de doação de si mesmo para o outro e vice-versa.

### 3.3 Encontro com a dimensão espiritual

Percebe-se que as perspectivas, tanto psicológica quanto bíblico-teológica, definem que o ser humano tem a necessidade de transcender a si mesmo necessitando de um sentido para a vida, algo que os dê significado para que possam ter uma vida saudável de forma a encontrar a realização plena. Quando não há essa transcendência, esse sentido da vida, o ser humano vivencia um vazio (vácuo existencial) o que pode gerar uma baixa auto-estima, pois, a vida já não tem mais motivo, levando-o ao desespero.

Mas, a perspectiva bíblico-teológica é complementar a perspectiva psicológica porque ela define que Deus é o sentido de vida. O ser humano pergunta por Deus, o que acaba sendo uma pergunta por si mesmo procurando preencher o vazio existente. Como somos a ima-

gem e semelhança de Deus entendemos que somos amados e valorizados por Ele, o que nos leva a nos amar e a amar ao outro. Ele é a nossa infinitude ainda não alcançada. Na perspectiva bíblico-teológica Deus é o que preenche o nosso vazio (vácuo existencial).

Nas duas análises da auto-estima a consciência que temos de nós mesmos, a concepção que o outro tem de nós e o nosso bem-estar na dimensão espiritual são fatores influenciadores para a formação da auto-estima.

A participação do outro na construção da auto-estima é muito importante e, por isso, entende-se que a vida em comunidade é um dos agentes - positivo ou negativo, de acordo com suas ações - da construção da auto-estima. Então, ficamos a refletir como as Igrejas têm agido na formação da auto-estima de seus participantes: será que elas têm sido um agente positivo da auto-estima? A igreja como comunidade terapêutica procura promover o bem-estar, valorizando os seus participantes.

## CAPÍTULO 2

# A IGREJA EM UMA PERSPECTIVA DE COMUNIDADE TERAPÊUTICA

*Quero amar você sem asfixiá-lo, apreciá-lo sem julgá-lo,  
unir-me a você sem escravizá-lo, convidá-lo sem exigir,  
deixá-lo sem me sentir culpada, criticá-lo sem feri-lo  
e ajudá-lo sem menosprezá-lo.  
Se puder obter o mesmo de você,  
poderemos realmente encontrar-nos  
e enriquecer-nos mutuamente.*

Virginia Satir

### 1 Comunidade Terapêutica

Por que falar de comunidade terapêutica em meio a uma sociedade cada vez mais individualista? Na própria pergunta já se encontra a resposta, pois devido ao forte crescimento do individualismo as pessoas se sentem só, o que é consequência do seu próprio isolamento. Tal situação instiga o surgimento de uma maior necessidade de falar e viver em comunidades terapêuticas. As pessoas têm buscado um lugar onde possam se expressar, ser aceitas

como são, podendo experimentar a ação maravilhosa que o ser humano pode viver, que é cuidar e ser cuidado por alguém.

Não podemos negar que as redes de apoio são indispensáveis, mas, infelizmente, a necessidade de vivermos numa constante competição defendendo os interesses pessoais como recurso de sobrevivência leva-nos ao individualismo e ao isolamento que são conseqüências do mundo globalizado.<sup>49</sup> Então, fica-se a pensar na possibilidade e necessidade de uma vida em comunidade terapêutica porque o ser humano é um ser social e relacional que precisa vivenciar experiências coletivas já que o viver isoladamente os torna um ser humano fragmentado, incompleto. Mas, para saber o que é e como ser comunidade terapêutica precisa-se primeiramente entender o que é comunidade e o que é ser terapêutico.

## 1.1 O que é comunidade

De acordo com Sidnei Vilmar Noé o “conceito de comunidade implica etimologicamente duas palavras: comum e unidade”.<sup>50</sup> Assim, pode-se ter uma noção de que comunidade refere-se a uma coletividade, de forma que os/as participantes têm interesses comuns e estão ligados afetivamente uns com os outros e sua unidade é a partir de convicções comuns ou uma ideologia coletiva e normas rígidas de comportamento iguais para todos. Mas segundo a Enciclopédia Abril:

Essa idéia, que pressupõe harmonia nas relações sociais, é altamente valorizada, constituindo, por assim dizer, o ideal da vida social. É nesse sentido que a comunidade aparece como um mito do nosso tempo, pois ao ideal que ela representa opõe-se a realidade dos conflitos de interesses e da impersonalidade das relações sociais.<sup>51</sup>

---

<sup>49</sup> Cf. HOCH, Lothar Carlos & NOÉ, Sidnei Vilmar (Orgs), *Comunidade Terapêutica*; cuidando do ser através de relações de ajuda. São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia/Sinodal, 2003, p38.

<sup>50</sup> Idem, ibidem, p7.

<sup>51</sup> Enciclopédia Abril. São Paulo: Abril, 1976. Vol. 3, p190.

Também pode-se entender que um elemento pela qual une-se uma comunidade, é justamente a diferença ou a pluralidade, sendo que o:

que garante a *unidade* da comunidade, não no seu aspecto de uniformidade e conformidade – por mais paradoxal que pareça -, mas é justamente na *diferença* ou na *pluralidade*. À medida que diferentes se reúnem, se toleram e aceitam suas diferenças, por incrível que pareça, é possível constituir comunidade. A necessidade de distinção, de demarcar a diferença, que permite a constituição de uma identidade própria, não se dá mais através da distinção da comunidade em relação ao resto do mundo, e sim, essa seria deslocada para dentro da própria comunidade. Ali convivem os “diferentes” e eles precisam aprender a se relacionar de forma equilibrada e saudável.<sup>52</sup>

As comunidades plurais vivem melhor com outras comunidades por não canalizar a sua agressão sobre outras comunidades porque já aprendem a viver com o diferente dentro da própria comunidade, concedendo-lhe um maior crescimento no âmbito relacional da vida. Entretanto, não se pode esquecer que não é fácil assegurar a unidade na pluralidade. Pode existir diversas comunidades que serão determinadas e identificadas pelos grupos de pessoas que a compõem segundo as suas necessidades:

Como consequência de diversas necessidades e exigências surgem determinados grupos sociais para favorecer entre os seus membros, por um lado, relações interpessoais e, por outro, os projetos solidários de realização. A tendência para os criar existe, sobretudo nos âmbitos educativos, pedagógicos, psicológicos, políticos, laboral e religioso. Aparecem face à massificação e despersonalização produzidas por organismos gigantes, pelo enquadramento burocrático e pelo anonimato da denominação “multidão solitária”.<sup>53</sup>

Assim, entende-se que as comunidades são formadas de acordo com as necessidades dos que a compõem, de forma a construir um “conjunto de indivíduos organizados num todo ou que manifestam de maneira consciente algum traço de união”<sup>54</sup> que buscam esponta-

---

<sup>52</sup> HOCH, Lothar Carlos & NOÉ, Sidnei Vilmar (Orgs), *Comunidade Terapêutica*; cuidando do ser através de relações de ajuda. São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia/Sinodal, 2003, p8.

<sup>53</sup> FLORISTÁN, Casiano. *Para Compreender a Paróquia*. Trad. Pe Idalino Simões. Coimbra: Gráfica de Coimbra, p57.

<sup>54</sup> HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p782.

neidade de expressão, liberdade de alienação, e afetividade. É uma grandeza com a qual podemos nos relacionar veiculando uma sensação de pertença. Porém, não podemos ter uma compreensão de que o termo comunidade seja a mesma coisa que sociedade.

### 1.1.1 Comunidade versus sociedade

Quando falamos em comunidades estamos nos referindo a um conjunto de pessoas que apresenta uma vinculação afetiva, originária e essencial; é quando a atitude social se inspira no sentimento afetivo, não sendo apenas uma união por interesses pessoais. Viver em comunidade implica conviver em um mesmo espaço, onde todos os participantes estão sujeitos as mesmas condições porque não existe comunidade a distância, levando-nos a entender que quando um sofre o outro também sofre.<sup>55</sup> Muitos sociólogos, segundo Casiano Floristan, afirmam que:

Juntamente com a família, a comunidade é uma das formas fundamentais da sociedade humana. Temos uma certa possibilidade de descrever a família, mas não acontece o mesmo com a comunidade, realidade difícil de definir. Segundo o sociólogo R. Köning, comunidade é o agrupamento social, mais ou menos numeroso, em que os indivíduos colaboram para satisfazer as suas necessidades econômicas, sócias e culturais. R. M. Mac Iver é opinião que comunidade é o grupo social mais pequeno em que o indivíduo pode satisfazer as suas necessidades e desempenhar todas as suas funções. Segundo J. Höffner comunidade, sem sentido amplo, designa toda a forma de união estável entre indivíduos que se esforçam em comum por realizar um valor ou alcançar um objetivo. Em geral, os sociólogos descrevem a comunidade como um grupo social restrito com certas características: relações interpessoais e certo grau de intimidade, partilha comum da totalidade da existência e fusão de vontades com algum objetivo comum.<sup>56</sup>

O ideal para um indivíduo que vive em comunidade é possuir um relacionamento de intimidade com os outros participantes, solidariamente afetivo. O que acontece com um

---

<sup>55</sup> Cf. Enciclopédia Abril. São Paulo: Abril, 1976. Vol. 3, p190.

<sup>56</sup> FLORISTÁN, Casiano. *Para Compreender a Paróquia*. Trad. Pe Idalino Simões. Coimbra: Gráfica de Coimbra, p58.



indivíduo da comunidade influencia a coletividade já que o elemento essencial da vida comunitária é a participação de todos/as numa mesma cultura com o conteúdo total alcançado por cada participante.<sup>57</sup> Mas, não podemos esquecer que isso “não se trata de harmonia, pois numa comunidade, como em qualquer agregado humano, existem conflitos e paixões; apenas esses conflitos se desenrolam num universo comum”.<sup>58</sup>

Enquanto isso, o conceito de sociedade pressupõe uma pluralidade de pessoas, porém, isoladas com interesses particulares procurando obter vantagens pessoais, mas, também é composta por uma pluralidade de comunidades. “A sociedade nasce quando um grupo social utiliza uma oportunidade de poder (qualquer que seja) sobre outros grupos parciais, instituindo uma associação de dominação”.<sup>59</sup> O que a caracteriza é o domínio. E assim:

A oposição comunidade-sociedade corresponde, de certa forma, à oposição entre solidariedade mecânica e solidariedade orgânica, introduzida na sociologia francesa por Emile Durkheim. A solidariedade mecânica caracteriza as sociedades onde não há divisão do trabalho e onde, portanto, a união entre os membros deriva da própria semelhança entre eles, isto é, de sua identidade. A solidariedade orgânica, em contraste, caracteriza as sociedades nas quais a divisão social do trabalho diferencia os grupos sociais e cria relações de interdependência entre eles. Entre as duas formas de solidariedade existiria, segundo essa corrente sócio-lógica, uma relação evolutiva.<sup>60</sup>

Então, o ideal de comunidade é o conjunto de pessoas que se valorizam mutuamente respeitando as suas diferenças e preocupando-se com o bem-estar de todo o grupo. Enquanto que na sociedade as pessoas vivem o individualismo, ela até estabelece alguns relacionamentos, mas, são geralmente superficiais, sem afetividade. Não se pretende dizer com isso que na comunidade não exista o individualismo, e sim que os valores e a identidade do grupo têm mais influência em comparação com a sociedade, possibilitando relações mais profundas e duradouras.

---

<sup>57</sup> Cf. Enciclopédia Abril. São Paulo: Abril, 1976. Vol. 3, p190.

<sup>58</sup> Idem, ibidem, p191.

<sup>59</sup> Idem, ibidem, p191.

<sup>60</sup> Idem, ibidem, p190.

## 1.2 O Que é Terapêutica

Na sociedade atual é muito comum ouvir pessoas usando a expressão terapêutica, mas, em alguns momentos não se tem uma dimensão mais ampla do que realmente significa tal palavra. A palavra terapêutica vem do grego que é a arte, ciência de cuidar e tratar de doentes ou de doenças.<sup>61</sup> “O termo *Terapeuo*, no grego literário, tem o significado de servir, estar a serviço, preocupar-se, prover a cura (por exemplo, como o médico) e finalmente curar”.<sup>62</sup> Terapêutica é uma parte da medicina que estuda e põe em prática os meios adequados para aliviar ou curar os doentes<sup>63</sup>, e assim o termo terapêutico é associado a falta de saúde. É prestar serviço aquele/a que está precisando de cuidados, de um alívio ou uma cura.

A função terapêutica implica em primeiros cuidados, serviço a alguém, libertação, cura plena. Requer estudos e prática de meios que possibilitam o alívio ou a cura das pessoas que buscam saúde, entendendo que é uma busca por saúde integral, na totalidade de vida do ser humano.<sup>64</sup>

A realização da ação terapêutica promove o bem-estar na pessoa que está recebendo tal ação (a pessoa que necessita da cura, que deseja crescer emocional e espiritualmente), sendo que essa tarefa não é fácil porque é necessária uma constante revisão da prática e da teoria devido aos questionamentos levantados pela pessoa, pois, as necessidades e as reações são diversas já que cada indivíduo reage diferentemente do outro, tem a sua singularidade. Promover o bem-estar implica em ajudar as pessoas a se descobrirem e conseqüentemente aprenderem a usar as suas limitações e potencialidades de forma saudável, curadora.

---

<sup>61</sup> Cf HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p2699.

<sup>62</sup> Dicionário Interdisciplinar da Pastoral da Saúde. CINÀ, Giuseppe; LOCCI, Efésio; ROCCHETTA, Carlos. Trad. Calisto Vendrame, Leocir Pessini e equipe. São Paulo: Paulus, 1999. Série dicionários, p270.

<sup>63</sup> PEREIRA, Josias. *A Função Terapêutica na e da Comunidade Cristã*. Revista Caminhando n° 5. São Bernardo do campo: Editeo, 1992, p29.

<sup>64</sup> Cf NOVA, Eduardo Villa. *Igreja: Comunidade Terapêutica Limites e Possibilidades*. São Paulo: Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, p10.

Para existir a ação terapêutica é necessária uma pessoa que seja o agente terapêutico e uma segunda pessoa que se beneficiará de tal ação, e por isso não há ação terapêutica isoladamente, sendo necessário fazer parte de uma comunidade, uma comunidade terapêutica.

### 1.3 O Que é Comunidade Terapêutica

O ser humano como um ser relacional constrói a sua identidade na relação com o outro. Mas em meio a um mundo globalizado e capitalista, o individualismo e o isolamento têm sido muito presente, surgindo mais competições, onde o outro é o causador de perigos ou o próprio perigo, o que gera uma formação de defesas para os interesses pessoais como uma forma de sobrevivência causando um prejuízo nos relacionamentos. Então, não é incomum as pessoas vivenciarem um grande vazio existencial porque o ser humano em sua essência é um ser social, relacional. E por isso, falar de comunidade terapêutica significa a busca por um desenvolvimento das pessoas para que exista um relacionar-se de forma genuína, saudável, sendo que é muito interessante destacar que:

“terapêutico”, quando usado em conexão com “comunidade”, não implica tanto a consciência de que estamos doentes em sentido físico ou psíquico, ainda que este também possa ser o caso. A busca por comunidade terapêutica implica antes a consciência de sermos pessoas carentes: de relações humanas significativas, de atenção e afeto, de complementaridade. Esse sentimento emerge da consciência de que não somos auto-suficientes, pelo contrário, de que precisamos uns dos outros. Comunidade terapêutica é a busca comunitária por vida, especialmente em momentos cruciais da nossa existência.<sup>65</sup>

Sendo assim, é uma forma de vida que tem como princípio o afeto e o cuidado, onde não se perde a característica individual – cada pessoa é única, possui uma identidade exclusiva – mas, também não se esquece da dimensão coletiva – que é a necessidade de se rela-

---

<sup>65</sup> HOCH, Lothar Carlos. Comunidade Terapêutica: em busca de uma fundamentação eclesiológica do Aconselhamento pastoral. In: Associação Brasileira de Aconselhamento (ed.), *Fundamentos do Aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998, p28.

cionar com o outro – que é de extrema importância para o ser humano devido a sua natureza social.

A comunidade terapêutica não tem o interesse de padronizar todos os integrantes tornando-os, iguais, mas aprender a viver com as diferenças do outro no intuito de re-humanizar o ser humano contemporâneo que tem vivido um analfabetismo social <sup>66</sup> influenciado pelo individualismo que está implantado na sociedade atual e, por isso, Lothar Carlos Hoch afirma que comunidade terapêutica é a:

tentativa de viabilizar um “pacto de complementaridade”, enquanto “caminho viável para a construção de uma identidade psicossocial individual e coletiva” capaz de fazer frente à massificação de um lado e ao individualismo de outro lado. O grupo como lugar de viabilização da comunidade terapêutica pode ser o ponto de convergência dialética do individual e do coletivo. <sup>67</sup>

Então, ser comunidade terapêutica significa viver a dialética da vida individual e coletiva. É ser pessoa (indivíduo) que pertence a um determinado grupo social (coletivo) que se preocupa com o outro, com a comunidade, é onde encontra-se os cuidados mutuamente pois, hoje você é o terapeuta e amanhã você poderá estar na condição de paciente e vice-versa. Ser comunidade terapêutica é ser solidário com o sofrimento dos integrantes da comunidade em meio às situações de crise pessoal, como perdas (luto), problemas no relacionamento familiar ou nas crises características que acompanham o ciclo vital. É viver em comunidade de forma a promover o bem-estar.

Para a comunidade terapêutica a experiência interpessoal é muito importante, pois, reconhecer a si próprio, suas limitações e potencialidades é fundamental para a formação da

---

<sup>66</sup> Cf. HOCH, Lothar Carlos & NOÉ, Sidnei Vilmar (Orgs). *Comunidade Terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda*. São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia/Sinodal, 2003, p11.

<sup>67</sup> Idem. *Comunidade Terapêutica: em busca de uma fundamentação eclesiológica do Aconselhamento pastoral*. In: Associação Brasileira de Aconselhamento (ed.), *Fundamentos do Aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998, p28-29.

comunidade, já que ela é composta por pessoas que tem a sua singularidade. Então, não falamos de uma comunidade perfeita, mas sim de uma comunidade que é:

Justamente com todos os seus limites, defeitos, erros, as suas faltas de atenção, mas com a possibilidade de nos tornarmos superiores, de nos discutirmos, de nos corrigirmos, que permite o enraizamento e o desenvolvimento de uma dimensão de confiança nos outros e em um modo diverso de viver... Recompõe-se uma confiança com base no outro e em si mesmo, que estava perdida, que é preliminar, que é indispensável fonte de segurança pessoal e relacional.<sup>68</sup>

Encontra-se nas comunidades terapêuticas pessoas feridas e ao mesmo tempo curadoras, encontra-se os “curadores feridos” que são aquelas pessoas que têm se colocado a disposição para ajudar aqueles que vivem a difícil fase do sofrimento, seja físico, psíquico ou espiritual, mas, é também aquele que reconhece e aceita as próprias feridas. O Dicionário Interdisciplinar da Pastoral da Saúde define que o ser humano é constituído por dos pólos: a ferida e a cura:

Todo o indivíduo é vulnerável, isto é, suscetível de ser vítima de feridas que assumem vários nomes: solidão, medo, angústia, vazio de sentido, separações e luto, doença, imaturidade... Porém, em todo indivíduo há também uma dimensão curadora, constituída de um conjunto de recursos físicos, psíquico e espiritual que, se forem bem utilizados, podem contribuir para a cura das feridas. Segundo o arquétipo do curador ferido, os terapeutas do corpo e do espírito são chamados, no exercício da sua atividade, não só para ativar a dimensão restabeecedora, mas também para tomar consciência das próprias feridas, empenhando-se num processo de autoterapia. “Só o curador ferido pode curar, seja ele médico ou sacerdote”.(Jung C., 1951, 116.).<sup>69</sup>

O ideal de comunidade terapêutica é uma comunidade em que todos cuidam de todos e aprendem a viver em comunidade, é onde encontramos a nós mesmos e o outro. É no cuidar uns dos outros que, em muitos momentos, encontra-se a própria cura, encontra-se o bem-estar da vida. É a vida (singularidade) em prol da vida (coletividade).

---

<sup>68</sup> Dicionário Interdisciplinar da Pastoral da Saúde. CINÀ, Giuseppe; LOCCI, Efésio; ROCCHETTA, Carlos. Trad. Calisto Vendrame, Leocir Pessini e equipe. São Paulo: Paulus, 1999. Série dicionários, p181.

<sup>69</sup> Idem, ibidem, p268.

## 2 Igreja como comunidade terapêutica

A procura por Igrejas nos dias de hoje tem aumentado muito, o que nos impulsiona a questionar o porquê de tal crescimento. Porém, essa é uma questão muito complexa e só estaremos tocando em alguns pontos da discussão. A Igreja precisa ser terapêutica para que possa cumprir com as suas tarefas, para responder aos anseios dos fiéis que a compõem, pois, tal crescimento vem sendo provocado pela dificuldade de construir relacionamentos, aumentando o número de pessoas solitárias.

Assim, a Igreja é vista como uma das fontes para a reconstrução de uma vida em comunidade, para isso ela precisa desenvolver as funções terapêuticas que é de cura - seja interna ou externa - e de promover o bem-estar, principalmente o bem-estar de se relacionar com outras pessoas. Procuraremos entender o que significa o termo Igreja, sendo que poderíamos desenvolver várias definições, mas, vamos nos ater a uma dimensão bíblico-teológica.

### 2.1 O que é Igreja

Para entender o que significa e como surgiu a Igreja precisa-se buscar a origem da palavra que vem do:

grupo de palavras anglo-saxônicas (inglês, *church*; escocês, *Kirk*; alemão, *Kirche*; holandês, *Kerk*) deriva do termo do grego tardio *Kyriakon*, “[casa] do Senhor”. Já o termo grego *ekklesia* (do qual derivam o latim *ecclesia*; italiano, *chiesa*; francês, *église*; espanhol, *iglesia*; português, *igreja*), no grego clássico, significava a assembleia dos cidadãos de uma cidade como objetivos legislativos ou deliberativos...O termo grego *ekklesia* não tinha uso religioso. Mas foi adotado pela LXX para traduzir o termo hebraico *kahal*, que, juntamente com outro termo – *edah* – significa, no hebraico tardio, as assembleias religiosas dos israelitas... Inicialmente, o termo foi aplicado à *ekklesia* de Jerusalém, que também era uma assembleia local. Mas, ao mesmo tempo, também era a assembleia de todos aqueles que acreditavam em Jesus

Cristo, e que, portanto, sucedia legitimamente à assembléia israelita de Iahweh.<sup>70</sup>

A origem da Igreja cristã é pascal e trinitária. Assim, o Espírito é co-fundador da Igreja porque Jesus pôs as bases da Igreja e em seguida o Espírito assumiu a direção última da comunidade. Mas a Igreja é antes de qualquer coisa um dom de Deus, acontecimento dinâmico e comunidade interpessoal.<sup>71</sup> A Igreja também é histórica, não é apenas espiritual.

A Igreja também pode ser entendida como o Corpo de Cristo. Pois, de acordo com o Novo Testamento a *ekklesia* é compreendida como o corpo de Jesus Cristo, é a revelação e salvação divina em ação, é a comunidade dos/as cristãos/ãs.

O Corpo de Cristo nada mais é do que uma comunhão de pessoas. É “a comunhão de Jesus Cristo” ou “comunhão do Espírito Santo”, onde comunhão ou *koinonia* significa uma participação comum, uma “condição de estar juntos” [*togetherness*], uma vida em comunidade. Os fiéis estão ligados uns aos outros através de sua participação comum em Cristo e no Espírito Santo, mas aquilo que eles tem em comum não é precisamente “coisa”, nem “algo”, mas “ele”, Cristo e Seu Santo Espírito. É exatamente nisto que reside a miraculosa, a excepcional, a definitiva natureza da Igreja: que como Corpo de Cristo nada tem a ver com uma organização e nada tem do caráter institucional sobre ela. É precisamente isto que ela tem em mente quando descreve-se como o Corpo de Cristo.<sup>72</sup>

A Igreja como Corpo de Cristo pode se designar como transmissora da fé, e não como propriamente o conteúdo da fé.<sup>73</sup> A Igreja é a comunidade dos fiéis onde é experimentado o agir salvífico de Deus em Jesus Cristo. Mas, a Igreja não é um número de eleitos, a totalidade dos crentes, nem é uma instituição sagrada, e sim o Corpo de Cristo. É o corpo comunitário de Cristo formado por muitos membros e comunidades.

---

<sup>70</sup> Dicionário Bíblico. MACKENZIE, John L. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p432.

<sup>71</sup> Cf. ESTRADA, Juan Antônio. *Para Compreender como Surgiu a Igreja*. Trad. José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2005.

<sup>72</sup> BRUNNER, H. Emil. *O Equívoco Sobre a Igreja*. Trad. Paulo Arantes. São Paulo: Novo Século, 2004, p15.

<sup>73</sup> Cf. Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia. EICHER Peter. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993, p370.

A comunhão da Igreja (comunidade) não existe em razão de si mesma, mas, nasce da comunhão com Cristo. “O amor é a essência da comunhão daqueles que pertencem á *Ecclesia*”.<sup>74</sup> E assim, tem-se o exemplo de Jesus Cristo como aquele que amou não só aquelas pessoas que estavam bem inseridas na sociedade, mas pelo contrário, demonstrou o seu amor àqueles/as que estavam excluídos e marginalizados. A comunhão com Cristo não existe sem a comunhão com os seres humanos, um não existe sem o outro.

De acordo com Eduardo Villa Nova a Igreja é chamada para proclamar, restaurar, libertar, consolar, ensinar, enfim, é chamada a proclamar as boas novas do Reino de Deus tendo que abrir os seus olhos para ver e o coração para amar. A sua missão é tornar-se um centro de promoção do bem-estar.<sup>75</sup> E assim, para ser Igreja ela precisa ser comunidade terapêutica.

## 2.2 Igreja: uma comunidade terapêutica

Quando Cristo afirma em João 10.10 que veio para que tenhamos vida e vida em abundância, ele nos leva a refletir sobre uma vida integral, é a integralidade do ser, pois, a pessoa precisa estar bem por completo o que “só é alcançado quando se está em harmonia com Deus, com o mundo e consigo mesmo”.<sup>76</sup>

O ser humano é um ser espiritual, mas não podemos ter uma visão espiritualista que nega a materialidade, pois é necessário compreendermos o ser humano na sua totalidade, e segundo Josias Pereira “a vida abundante é aquela que abrange todos os aspectos do ser. Proporcionar cura e crescimento espiritual é tarefa central da comunidade cristã, mas, sem

---

<sup>74</sup> BRUNNER, H. Emil. *O Equívoco Sobre a Igreja*. Trad. Paulo Arantes. São Paulo: Novo Século, 2004, p17.

<sup>75</sup> Cf. NOVA, Eduardo Villa. *Igreja: Comunidade Terapêutica Limites e Possibilidades*. São Paulo: Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, 1992, p17.

<sup>76</sup> PEREIRA, Josias. *A Função Terapêutica na e da Comunidade Cristã*. Revista Caminhando n° 5. São Bernardo do campo: Editeo, 1992, p30.



dicotomias; a visão precisa ser uma visão holística”.<sup>77</sup> É nesta dimensão que caminha a função terapêutica da Igreja, que se refere aos aspectos curativos e profiláticos das doenças, promovendo o bem-estar e o crescimento das pessoas.

Como sabemos, a Igreja é formada por pessoas, seres humanos, que possuem qualidades e defeitos e, por isso, não se pode querer que a comunidade de fé (Igreja) seja perfeita, plenamente saudável e salugênica, mas:

Esta comunidade assim doente é aquela que, reconhecendo sua fragilidade e sua dependência do poder incomensurável de seu Senhor, propõe-se a se também salugênica. Jorge A. Leon, em seu livro “Psicologia Pastoral de la Iglesia” faz referência interessante à Igreja como enferma/enfermeira. Na verdade, a terapeuta não é uma pessoa perfeita, mas sim uma pessoa que, conhecendo e reconhecendo muitos de seus aspectos doentios, propõe-se desempenhar o trabalho de cura, desenvolvendo, assim, seu potencial salugênico. É exatamente por reconhecer-se doente que a comunidade vai desenvolver o seu potencial em direção à cura, à saúde... A comunidade enferma/enfermeira caminha em busca da cura, e tal busca redundando naturalmente numa ação curativa e preventiva, tanto dentro de si mesma como na comunidade maior onde aquela está situada. Esta visão deve levar em consideração que, embora nosso enfoque esteja na comunidade, a cura se processa individualmente, são os indivíduos pessoalmente que são curados.<sup>78</sup>

E o exercício prático da busca pela cura e da consolação recebeu o nome de poimênica, que é o ato de pastorear o rebanho, buscar a ovelha desgarrada e curar a doente. “A arte da poimênica consiste em curar pessoas dos males da alma que freqüentemente se entendia como estando acometida por espíritos imundos”.<sup>79</sup>

A Igreja é comunidade terapêutica a partir do momento em que ela se solidariza com a pessoa que está passando por situações cruciais de sofrimento pessoal independente da origem do problema, seja somático, psicológico ou espiritual (transcendental) ou a pessoa que

---

<sup>77</sup> PEREIRA, Josias. *A Função Terapêutica na e da Comunidade Cristã*. Revista Caminhando n° 5. São Bernardo do campo: Editeo, 1992, p30.

<sup>78</sup> Idem, *ibidem*, p31.

<sup>79</sup> HOCH, Lothar Carlos. Comunidade Terapêutica: em busca de uma fundamentação eclesiológica do Aconselhamento pastoral. In: Associação Brasileira de Aconselhamento (ed.), *Fundamentos do Aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998, p22.

quer crescer na fé. Mas, infelizmente, a Igreja tem demonstrado grandes dificuldades de solidarizar-se com certas pessoas e problemas, tais como com os/as portadores/as do vírus HIV – AIDS. Ela deve manter uma relação de cuidado com a pessoa na sua integralidade, manifestando-se como comunidade terapêutica à medida que “aconselha acolhendo”, proporcionando relações significativas de atenção, afeto, complementaridade e incentiva a busca comunitária por vida.

Igreja procura ser o corpo de Cristo como uma comunidade de fé que procura viver em comunhão onde o amor se faz presente. E a Igreja que é comunidade terapêutica procura desenvolver o dom de amar incondicionalmente como Jesus (ser humano) fez, sendo uma vida comunitária que prioriza o amor a Deus, ao próximo e a si mesmo. Pois, quando amamos somos capazes de cuidar de quem precisa de uma cura, mesmo quando estamos na condição de enferma/enfermeira.

No desempenho da sua ação terapêutica há de ser naturalmente uma comunidade de fé, que crê no poder salvífico do Cristo que cura os conflitos e doenças possibilita o crescimento. Lothar Carlos Hoch afirma que “a tentativa de viabilizar comunidade terapêutica no âmbito da igreja é um passo importante na busca por uma relação sadia com Deus, na busca por relações humanas mais sadias, mas também na busca por uma sociedade mais justa e saudável”.<sup>80</sup>

Em suma, a Igreja numa perspectiva de comunidade terapêutica deve proporcionar um relacionamento afetivo, de valorização mútua, não fazendo uso de dominação, pois, a característica de dominação é típica de sociedade – A comunidade não deve ser dominadora mas, infelizmente tal característica só será possível no Reino de Deus, de acordo com a nossa

---

<sup>80</sup> HOCH, Lothar Carlos. Comunidade Terapêutica: em busca de uma fundamentação eclesiológica do Aconselhamento pastoral. In: Associação Brasileira de Aconselhamento (ed.), *Fundamentos do Aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998, p33.

realidade atual já que em alguns momentos ela tem se revelado dominadora. Ela deve prestar serviço a quem está necessitando de cuidados, de um alívio ou cura e promover o bem-estar das pessoas, o que implica em ajudar o próximo a se descobrir e conseqüentemente aprender a lidar com suas limitações e potencialidades para um melhor crescimento pessoal e comunitário. A Igreja é a convergência da dialética do individual e do coletivo. A vida da Igreja está sempre no processo imperfeito de busca por esse ideal.

A Igreja como comunidade terapêutica busca ser dom de Deus, comunidade interpessoal, Corpo de Cristo agindo como fonte de reconstrução de uma vida em comunidade - podendo experimentar o agir de Deus em Jesus. Ela é chamada a proclamar, restaurar, libertar, consolar, ensinar e promover o bem-estar, mas, não deve fazer uma dicotomia do ser humano; deve exercer a sua função terapêutica numa visão holística devido a tridimensionalidade do ser (corpo, alma, espírito).

Mas, como já foi dito anteriormente, a Igreja é formada por seres humanos com limitações e potencialidades e, por isso, é preciso se autoconhecer para ser uma comunidade terapêutica, que é composta por curadores-feridos – pessoas doentes e terapeutas ao mesmo tempo. É no reconhecer-se como seres humanos doentes que se desenvolve o nosso potencial em direção a cura, a saúde, afeto e a complementaridade.

A Igreja como comunidade terapêutica exerce uma função que contribui para a formação de uma elevada auto-estima do indivíduo, bem como o indivíduo com elevada auto-estima pode contribuir positivamente para o crescimento da Igreja como comunidade terapêutica. Mas, em muitos momentos a Igreja tem sido falha em determinadas tarefas, bem como contribuir de forma negativa para a nossa auto-estima, isso por não ser uma comunidade terapêutica como deveria ser, e ao mesmo tempo não colaboramos para o crescimento da comunidade terapêutica. Tal situação nos leva a pensar o porquê isso está acontecendo.

## CAPÍTULO 3

# AUTO-ESTIMA E COMUNIDADE TERAPÊUTICA

Neste capítulo, quando usamos a expressão comunidade estamos nos referindo a Igreja como comunidade terapêutica, pois, assim ela é um organismo vivo constituído por pessoas concretas que tem nome, que tem sentimentos, sendo um lugar onde podemos nos relacionar proporcionando uma sensação de pertença.<sup>81</sup> Ela procura ser solidária com quem está sofrendo exercendo o cuidado integral, viabilizando relações sadias com Deus e com o ser humano, cumprindo a prática da proclamação da Palavra, restauração, libertação, consolação, ensinamentos, promoção do bem-estar e a valorização mútua.

Essa comunidade que nos referimos é composta por seres humanos passivos a erros, o que demonstra a sua imperfeição, sendo que isso não nos permite negligenciarmos a ação terapêutica a qual ela se propõe a promover. Entretanto, este tem sido, geralmente, o ideal de Igreja/comunidade e não a prática pois, de acordo com Lothar Carlos Hoch:

---

<sup>81</sup> Cf. HOCH, Lothar Carlos. Comunidade Terapêutica: em busca de uma fundamentação eclesiológica do Aconselhamento pastoral. In: Associação Brasileira de Aconselhamento (ed.), *Fundamentos do Aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998, p28.

as igrejas históricas tradicionais terem negligenciado aspectos essenciais do ministério terapêutico com o qual o próprio Senhor da Igreja havia incumbido. Se hoje as igrejas históricas estão estagnadas em termos de crescimento ou mesmo perdendo membros para outros movimentos religiosos é porque elas não encontram formas eficazes de se fazerem presente na vida dos seus fiéis em momentos cruciais de suas vidas. Temos perdido membros pela falta de assistência na hora da dor, porque não conseguimos ser comunidade terapêutica.<sup>82</sup>

Seremos até mais ousados em afirmarmos que não somente as comunidades históricas tradicionais, mas, também as outras comunidades cristãs, têm negligenciado aspectos da função terapêutica, tais como as comunidades pentecostais. Mas, o que está acontecendo? O que fazer para mudar essa realidade? Há muitas atitudes que precisam mudar para que se possa reverter tal situação, porém, um dos véis que vamos apresentar é a dialética do individual com o coletivo, mais especificamente a influência da auto-estima na comunidade e vice-versa.

## 1 Auto-estima e comunidade

As pessoas ficam se perguntando qual a relação entre um assunto e o outro, qual é a relação entre auto-estima e comunidade. Geralmente, elas pensam que um assunto não tem conexão com o outro, mas, de acordo com as informações colhidas na pesquisa dos capítulos anteriores percebe-se que não é exatamente assim, pode-se entender e realizar uma conexão dos dois assuntos porque a auto-estima influencia na vida em comunidade e a vida em comunidade influencia na construção da auto-estima.

A auto-estima começa a ser construída desde a infância estendendo-se por toda a vida, que é o amor próprio, o conhecimento de si mesmo, mas, ela também nos prepara para

---

<sup>82</sup> HOCH, Lothar Carlos. Comunidade Terapêutica: em busca de uma fundamentação eclesiológica do Aconselhamento pastoral. In: Associação Brasileira de Aconselhamento (ed.), *Fundamentos do Aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998, p22.

sair de nós e irmos ao encontro do outro, pois ter uma elevada auto-estima não é a mesma coisa que egoísmo, bem pelo contrário, é ser mais solidário. Os juízos das outras pessoas são importantes para a auto-estima quando os internalizamos, já que em muitos momentos (principalmente na infância e na adolescência) nos vemos pelos olhos do outro. E assim, percebe-se a importância da comunidade na construção da auto-estima por ser um caminho viável para a construção de nossa identidade psicossocial individual e coletiva. O conceito da comunidade a nossa respeito influenciará para termos uma elevada ou baixa auto-estima.

A comunidade que realmente é terapêutica é uma fonte de construção positiva da auto-estima, o que não quer dizer que ela tenha só que elogiar para promover o bem-estar, mas sim reconhecer e ressaltar a sua potencialidade, bem como pontuar suas limitações enquanto pessoas, ajudando-a a conhecer-se melhor, porque é na relação com o outro que nos conhecemos melhor. Não adianta dizermos que nos amamos, que somos capazes e que temos nossa limitação e potencialidade se não há um reconhecimento das outras pessoas que venham de certa forma valorizar e reafirmar tais afirmações. Somos seres humanos que gostam e necessitam de motivação, de valorização que são atitudes que a comunidade pode e deve realizar.

O ser humano de elevada auto-estima também influencia na vida em comunidade, pois ele não precisa desvalorizar o outro para se valorizar gerando relações mais duradouras. Ele ajuda na função da comunidade de promover o bem-estar por saber valorizar o trabalho do outro e de forma carinhosa destacar o que pode ser melhorado na medida do possível. Ele não precisa fazer do outro o bode expiatório, culpando-o pelos seus erros e dificuldades por se aceitar como é. Assim, a pessoa com uma elevada auto-estima pode viabilizar atitudes/comportamentos que ajuda a comunidade ser o que ela deve ser, sendo uma facilitadora dos relacionamentos saudáveis. Não precisamos negar a nós mesmos para sermos aceitos na comunidade, pois na comunidade existe ou deveria existir lugar para todas as

peessoas, cada um com suas características pessoais, mas, Eduardo Villa Nova nos alerta que:

Há muito empecilho ou inibição que afetam um membro a fim de que ele exerça uma participação completa na comunidade que está inserido. O indivíduo pode aceitar um grupo, uma igreja, porém discordar de suas metas de trabalho, pode desenvolver um sentimento de insegurança, pode temer que suas aptidões em relacionamentos humanos sejam inferiores às dos demais elementos, ou membro, e com este sentimento de inferioridade, não participar nas atividades comunitárias... Para perceber esses entraves e tornar-se um membro eficaz na comunidade é necessário que se desenvolva uma consciência que o leve a estudar a sua própria personalidade e a partir desse auto-estudo fazer frente às frustrações e dores. Jesus diz: "... limpa primeiro o interior do copo..." (Mt 23.26), nessas palavras de Jesus a intenção está em provocar reflexões a respeito da própria existência, e isto faz diferença na vida de uma pessoa, gerando crescimento, maturidade e motivação para o trabalho.<sup>83</sup>

Então, percebe-se que em alguns momentos as comunidades têm negligenciado a sua função não viabilizando uma reflexão interior como nos instrui Jesus para o crescimento de seus membros. Essa falta de reflexão pode ser um fator que conduz os seus membros a construir uma baixa auto-estima e essas pessoas com baixa auto-estima colaboram para que a comunidade continue sem exercer a sua função terapêutica, que é de promover o bem-estar, relacionamentos saudáveis e consistentes e promover a cura, que pode ser emocional, espiritual ou física.

Essa superficialidade dos relacionamentos pode ser devido a crescente invasão do individualismo e da competitividade em nossas comunidades que são gerados pelo mundo capitalista. E dessa forma, os participantes das comunidades têm se deixado levar por uma onda de analfabetismo relacional, sendo irresponsáveis com a sua tarefa de ajudar os outros participantes a se auto-analisarem objetivamente para que possam superar as suas limitações e frustrações.

---

<sup>83</sup> NOVA, Eduardo Villa. *Igreja: Comunidade Terapêutica Limites e Possibilidades*. São Paulo: Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, 1992, p80-81.

De acordo com o professor Ronaldo Sathler-Rosa “nós não somos educados para a divergência, diferenças e tensões e, por isso, as comunidades terapêuticas são hoje uma mentira”,<sup>84</sup> e ficamos a refletir sobre o que está acontecendo com nossas Igrejas que deixam de ser Igrejas ao não exercerem as funções terapêuticas, já que não podemos considerá-las Igrejas comunidade terapêutica. A Igreja de Cristo deve ser uma comunidade terapêutica e, por isso, levantaremos alguns problemas que nos impedem de sermos comunidade terapêutica e que influenciam negativamente na construção da auto-estima destacando atitudes e comportamentos que precisam ser *repensados* e *resignificados*.

## 2 Levantando os problemas

Uma das coisas mais importantes para a comunidade ser saudável, para exercer a sua função terapêutica é reconhecer e aceitar as suas necessidades, suas potencialidades e limitações, para que possa viver na dimensão dos curadores-feridos ou enfermeira/enferma. A comunidade tem que reconhecer as suas doenças, dificuldades que a impossibilitam de exercer a sua função terapêutica, pois segundo o Prof. Ronaldo Sathler-Rosa “não existe possibilidade de cura sem que haja o descobrimento da doença. Se não reconhecemos que estamos doentes não temos cura”.<sup>85</sup>

A dificuldade da comunidade conhecer as suas doenças/limitações aumenta cada vez mais a baixa auto-estima dos seus participantes, devido à falta de aceitação da sua condição de ferida, levando as pessoas a negarem a sua fragilidade e exigirem de si mais do que se pode dar ou fazer causando mais frustrações e decepções. Portanto, a comunidade como influenciadora da auto-estima precisa aceitar a sua condição de ferida para que os seus par-

---

<sup>84</sup> SATHER-ROSA, Ronaldo; Afirmação em uma aula expositiva no dia 29/09 na Universidade Metodista de São Paulo, na Faculdade de Teologia na disciplina Seminário Temático de Teologia Prática no ano de 2006.

<sup>85</sup> Idem, *ibidem*.



participantes possam aceitar as suas feridas e obter assim a cura que só acontece depois que reconhecemos que ela se faz necessária. E conseqüentemente, os participantes da comunidade com elevada auto-estima podem ajudar a comunidade a obter esse auto-reconhecimento mostrando que é possível ser terapêutica assumindo as suas fragilidades. A comunidade tem a sua dimensão de imperfeição (é composta por seres humanos que não são totalmente perfeitos), mas, não queremos afirmar que ela não é salugênica, e sim que ela possui a característica de enfermeira e enferma.

Um outro problema que ocorre é a prática da exclusão. Algumas comunidades têm agido de forma excludente como a comunidade do relato bíblico de Marcos 5.25-34 (mulher do fluxo de sangue) que se apresenta como exclusivista (como vimos no primeiro capítulo). A exclusão da comunidade gera uma baixa auto-estima, pois, geralmente, desperta o sentimento de rejeição na pessoa, por parte do grupo. Ela exclui aqueles/as que são e pensam diferentes, tais como: os pobres, os marginalizados, os homossexuais, etc. No entanto, são exatamente essas pessoas que mais necessitam das ações terapêuticas que a comunidade se propõe realizar, que são: a cura, a proclamação da palavra, a libertação, a salvação, o bem-estar.

Dessa forma, ela deixa de ser terapêutica e conseqüentemente pode gerar uma baixa auto-estima. Mas, o participante da comunidade que tem uma elevada auto-estima pode ajudá-la a repensar a sua prática excludente e passar a conduzi-la a uma prática de inclusão, já que há uma relação de influência mútua entre a comunidade e a auto-estima das pessoas. Uma pode auxiliar a outra em suas características/conceitos e práticas.

Em seguida podemos destacar a existência da repressão nas comunidades, pois, de acordo com Howard Clinebell:

Um ponto fraco de muitas igrejas de hoje é identificado por Robert Leslie: “Não deixa de ser irônico que a igreja muitas vezes é o último lugar em que

“pessoas falam com liberdade e franqueza a respeito das questões que as tocam mais profundamente”. Pequenos grupos de comunhão e crescimento são a maneira mais eficaz de restituir à igreja o poder transformador.<sup>86</sup>

Algumas comunidades provocam em nós uma auto-repressão de forma que não nos expomos de forma verdadeira e genuína ou até mesmo não temos coragem de nos expor e, por isso, apenas escutamos. Tal situação pode acontecer devido, possivelmente, a própria exclusão e opressão existente. Em certas ocasiões ela impõe práticas e conceitos que são opressoras ao invés de serem libertadores provocando um constrangimento nos seus membros e impossibilitando-os de expressar os seus mais profundos anseios, desejos e suas crises. Portanto, a comunidade deixa de ser a promotora de relacionamentos saudáveis e profundos, o que é extremamente importante para o bem-estar do ser humano, passando a construir relacionamentos superficiais.

Assim, ela dá espaço para o surgimento de outros problemas: a competitividade e a falta de franqueza. A vivência em uma verdadeira comunidade não poderia deixar com que a competitividade gerada pelo mundo capitalista se insira no meio dela causando o medo de se apresentar como ela realmente é. Clinibell afirma que:

Embora o processo de tornar-se grupo seja um processo natural, certos fatores em nossa sociedade tendem a bloqueá-lo: a competitividade, o medo de intimidade e a relutância generalizada em baixar nossas máscaras defensivas. Em consequência, muitos assim chamados grupos reúnem-se a anos fio nas igrejas sem passar de uma interação superficial. Infelizmente a fala fácil sobre a “comunhão cristã” não a provocará. Somente quando um grupo preenche as condições a partir das quais possa brotar relacionamento interpessoal vital é que se experimentará genuína comunhão.<sup>87</sup>

As comunidades ao realizarem as suas funções terapêuticas promovem um crescimento constante de relacionamentos entre os seus membros, mas, para que tal crescimento possa

---

<sup>86</sup> CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. Trad. Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987. p341.

<sup>87</sup> Idem, *ibidem*, p343.

acontecer é necessário manter um relacionamento com base no companheirismo que gera a franqueza de comunicação, a honestidade porque a “vitalidade do convívio grupal depende da liberdade, honestidade e profundidade com que os membros vêm compartilhar suas dúvidas, seus problemas, intuições e fé um com o outro”.<sup>88</sup> Sendo assim, a comunidade terapêutica deve procurar promover a cura relacional. As nossas relações são organizadas/estruturadas de forma a nos tornar doentes ou saudáveis, podendo ser construtores positiva ou negativamente da auto-estima.

E por último, gostaríamos de destacar o problema da culpa, pois existe a culpa saudável (real) e a culpa neurótica (não real), mas, não pretendemos entrar profundamente no significado das respectivas culpas apenas uma breve definição para que se possa entender as suas influências na formação da auto-estima e da comunidade. A culpa saudável (real) está associada ao dano causado a pessoas.

Em contrapartida, a culpa neurótica não é resultado de um dano real que causamos intencionalmente às pessoas, é uma culpa crônica e inapropriada pela qual as pessoas se sentem oprimidas por uma sensação crônica de pecaminosidade chegando a se mutilarem psicológica e espiritualmente, devido a sua consciência neurótica já que em sua auto-avaliação contém pouca ou nenhuma *graça viva*, desperdiçando sua energia ética numa autopunição compulsiva.<sup>89</sup>

Em alguns momentos a comunidade tem nos conduzido a um sentimento de culpa neurótica porque a reflexão sobre a nossa culpa tem impregnado nossa consciência com sentimentos de pecaminosidade considerando muito dos desejos, sentimentos e anseios que são comuns ao ser humano como pecado e mesmo depois de confessar os pecados tal senti-

---

<sup>88</sup> CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. Trad. Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987. p344.

<sup>89</sup> Cf. Idem, *ibidem*, p145.

mento ainda se faz presente. A instrução a uma certa “santidade inalcançável” - santidade essa que esquece a humanidade dos seus membros, exigindo além do que a capacidade humana pode alcançar – pode gerar uma culpa neurótica, porque faz com que as pessoas não levem em consideração as suas falhas, seus erros, e defeitos (que são normais do ser humano) julgando-se o pior de todos pecadores, um pecador que não consegue entender e viver a graça de Deus. Este sentimento pode impedir que a ação terapêutica se concretize na vida da comunidade porque ela promove um mal-estar na pessoa fazendo-a sentir culpada e até mesmo imerecedora do amor e da graça de Deus, o que pode causar uma baixa auto-estima, já que ela se auto-desvaloriza e se auto-rejeita.

Já a culpa saudável ajuda no processo terapêutico e na construção da auto-estima positiva, porque é um julgamento justo que fazemos de nós mesmos, é um reconhecimento de nossas fragilidades e falhas, pois, um mundo sem culpa é igual a um mundo sem responsabilidade.

Portanto, existem muitos obstáculos que impedem as comunidades de serem de fato terapêuticas, sendo que esses foram apenas alguns dos problemas existentes. Mas, o que se pode fazer para reverter tal situação? Que atitudes se deve tomar? Entende-se que são muitos os obstáculos a serem vencidos para que as comunidades sejam terapêuticas, porém, não temos uma fórmula mágica para solucioná-los, mas, destacaremos algumas pistas pastorais para que a nossa comunidade venha ser de fato terapêutica.

### 3 Pistas pastorais

Ao trabalhar algumas pistas pastorais não estamos nos referindo apenas ao trabalho dos/as pastores/as, dos/as clérigos/as, mas sim na dimensão do sacerdócio universal de todos os crentes. Todos os cristãos têm uma missão, um ministério a ser realizado e os/as clé-

rigos/as devem instruir, treinar, guiar, inspirar, assessorar e colaborar com os ministros leigos. Desse modo Clinibell afirma que:

Qual é então a função do clero? Pelo nosso treinamento e ordenação, somos equipados e designados para atuar como líderes, treinadores e especialistas naquilo que é o trabalho de cada cristão. Em vez de ser homens-orquestra que tocam cada domingo para comunidades passivas, pastores deveriam ser regentes de orquestras que ajudam cada pessoa a dar sua contribuição específica para a sinfonia da boa nova. O papel-chave dos clérigos está descrito em Efésios: “o aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço” (4.11-12). Nossa função é treinar, inspirar, guiar, assessorar e colaborar com os ministros leigos como “professores de professores”, “pastores de pastores” e “aconselhadores de aconselhadores.”<sup>90</sup>

Então, podemos ver que uma das pistas pastorais importantes para o desempenho das comunidades, tanto leigos quanto clérigos, é a ação de cuidado, autocuidado e cuidado mútuo. A dimensão terapêutica requer o próprio cuidado e o cuidado do próximo e de acordo com Sidnei Vilmar Noé o cuidado humano é tarefa urgente e também fascinante porque o cuidar é mais que assistir, é a atitude de ir ao encontro do outro no sentido de prestar-lhe auxílio a partir de uma relação de ajuda.<sup>91</sup> As pessoas de nossas comunidades estão carentes de cuidados porque revela um envolvimento afetivo com relações mais afetivas e sinceras pois, o “cuidar bíblico, portanto, pressupõe muito mais que uma mera ação ou atitude isolada, mas envolve essência, o sentimento e o coração daquele que se dispõe a ser um cuidador ou cuidadora”.<sup>92</sup>

É preciso que se tenha uma visão holística do ser humano na ação cuidadora, o cuidado precisa ser efetuado em todas as dimensões do ser humano (somos corpo, alma e espírito), é um cuidado integral. O autocuidado e o cuidado mútuo é importante para que a comunidade exerça sua ação terapêutica no sentido de que a partir do momento em que cuidamos

---

<sup>90</sup> CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. Trad. Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987. p384.

<sup>91</sup> Cf. NOÉ, Sidnei Vilmar. *Espiritualidade e saúde: da cura d’alma ao cuidado integral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p79.

<sup>92</sup> Idem, *ibidem*, p84.

de nós mesmos e do outro o bem-estar será possível na comunidade pois, é necessário que saibamos nos cuidar para depois cuidar do outro. Uma das formas de cuidados que podemos realizar é o aconselhamento. Segundo Clinebell

O aconselhamento pastoral é um meio essencial pelo qual uma igreja é auxiliada no sentido de ser um posto de salvamento e não um clube, um hospital e um jardim da vida espiritual e não um museu. O aconselhamento pode ajudar a salvar as áreas de nossa vida que naufragaram nas tempestades do nosso dia-a-dia, que se despedaçaram nos arrecifes ocultos de ansiedade, culpa e falta de integridade. Um programa eficaz de poimênica e aconselhamento, em que tanto pastora quanto pessoas leigas treinadas servem como possibilitadoras de cura e crescimento, pode transformar o clima interpessoal de uma congregação, fazendo de uma igreja um lugar em que a integralidade é fomentada nas pessoas durante a vida toda.<sup>93</sup>

O aconselhamento pastoral é uma pista para fazer com que a comunidade seja terapêutica e também um meio para auxiliar na construção da auto-estima das pessoas ajudando a descobrir novas dimensões da humanidade, a descobrir potencialidades, criatividade, etc. Somos renovados e ajuda-nos a potencializarmos para sermos agentes de renovação da comunidade.

Mas, é importante que se tenha consciência de que nem sempre nós teremos ou poderemos dar as respostas a todos os problemas e conceitos questionados das pessoas que nos procurarem.<sup>94</sup> No entanto, o que se pode fazer é proporcionar meios que possam clarificar e solucionar tais problemas e, se necessário proporcionar uma reflexão dos conceitos para revisá-los segundo os valores de Cristo, levando as pessoas a uma maior reflexão de forma que elas próprias venham encontrar a resposta.

Também é necessário criar um ambiente saudável onde os membros das comunidades se sintam bem à vontade, seguros, um ambiente de confiança, pois, para que as relações

---

<sup>93</sup> CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. Trad. Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987. p14.

<sup>94</sup> Idem, *ibidem*, p144.

sejam profundas e sinceras elas precisam transmitir segurança e confiança no outro. Precisa-se gerar nos participantes o sentimento de cooperatividade ao invés de competitividade, despertando-os e estimulando-os a autovalorização e a valorização do outro.

Essa atitude também ajuda na construção positiva da auto-estima de forma que não precisará disputar um lugar com o próximo, porque todos se sentiram amados, capazes e importantes. O reconhecimento do outro é muito importante para a vida em cooperatividade. É preciso incentivar nas lideranças o espírito de cooperatividade através da autovalorização e a valorização mútua e o entendimento de que só somos comunidade quando somos capazes de amar a nós mesmos e o próximo, amor esse que também acontece na aceitação das próprias fragilidades e das fragilidades do outro.

Mas para isso, carecemos de uma liderança adequada, ou seja, uma liderança comunitária, descentralizadora, pois, como diz o texto de Gálatas 6.2: “Levai a carga uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo”. O verdadeiro líder é aquele que gera outros líderes. Uma liderança descentralizadora valoriza a ação de todos os membros da comunidade porque cada um terá uma tarefa a ser executada, sendo que todas as tarefas têm o mesmo valor independente de quem for executá-la demonstrando o reconhecimento e a importância do trabalho de cada um. Assim, a comunidade produzirá um sentimento de satisfação pessoal além de ajudar no crescimento da comunhão na comunidade. Muitos dos relatos bíblicos mostram essa ação comunitária por estarem escritos na segunda pessoa do plural (vós), nos levando a entender que Jesus se referia a mais de uma pessoa. Um líder autoritário é gerador de descontentamento comunitário, de medo ao invés de respeito, é pouco motivador e assume uma característica muito prejudicial à vida comunitária: a opressão. A Liderança autoritária é prejudicial tanto à vida comunitária quanto para a particularidade das pessoas.

Pode-se destacar também o conceito de perfeição cristã, pois, de acordo com algumas pessoas das Igrejas o conceito de perfeição cristã também adquire uma dimensão opressora

e uma delas é não poder errar. Mas, para nós metodistas, o conceito de perfeição cristã deve ser libertador, assumindo uma dimensão de um constante crescimento com passos de amadurecimentos, como aprender a conviver com os nossos erros e com os erros do outros, é amar o próximo mesmo com os seus erros. A perfeição cristã na dimensão de uma constante busca por crescimento é um agente positivo da formação da auto-estima e de uma ação terapêutica no que diz respeito aos relacionamentos humanos, ajudando a superar o analfabetismo relacional.

A concepção de perfeição cristã como falta de erro pode nos levar a uma comunidade com o problema da culpa neurótica. A comunidade que tem esse conceito não permite erro e conseqüentemente gera o sentimento de pecaminosidade (culpa neurótica), gerando uma autonegação, e por isso torna-se necessário um trabalho de conscientização que desperte uma consciência cristã mais aceitadora, uma consciência mais libertadora. É preciso educar as comunidades a aceitarem a sua condição humana para que possam crescer com os seus erros. Não podemos esquecer que a comunidade é “divina”, mas, também é humana.

Gostaríamos ainda de destacar que as comunidades precisam refletir e julgar as músicas que têm sido cantadas em seu espaço cútico, porque muitas delas têm demonstrado uma depreciação da imagem do ser humano desvalorizando-o e valorizando apenas a dimensão divina, ocorre uma negação da ação e da contribuição humana, conforme as músicas analisadas por Thelma Ferreira Guimarães do Nascimento, que estão anexas. Tal atitude conduz os seus membros a um menosprezo pessoal para uma super-valorização de Deus, e isso pode reforçar um sentimento de baixa auto-estima existente na pessoa. As músicas devem procurar expressar o amor a Deus, ao próximo e a si mesmo, pois somos imagem e semelhança de Deus.

A vida em comunidade é essencial ao ser humano e a comunidade deve procura ser um agente positivo da construção da auto-estima, e para isso precisamos estar sempre *re-*



pensando as nossas atitudes, valores, conceitos enquanto pessoas que possuem suas particularidades e como comunidade que procura promover o bem-estar.

## CONCLUSÃO

Ao concluir esse trabalho é importante esclarecer que as comunidades (Igrejas) são constituídas de pessoas, seres humanos que estão sujeitos a erros, mas, isso não pode nos levar a negligenciar a ação terapêutica que deve existir em cada comunidade, mesmo entendendo que somos curadores feridos porque temos as nossas próprias feridas e ao mesmo tempo temos cuidado das outras pessoas. É cuidar de si para cuidar do outro.

Então, nessa dimensão do cuidar de si para cuidar do outro, entende-se que a auto-estima é um fator necessário na vida do ser humano. A auto-estima é o amor próprio, o julgamento que temos de nós mesmos. Ter uma elevada auto-estima não quer dizer que somos egoístas, bem pelo contrário, quando nos amamos e reconhecemos as nossas fragilidades e potencialidades não precisamos fazer do outro nosso bode expiatório. Assim, é possível nos encontrar com o outro, construir relacionamentos saudáveis e duradouros. O outro influencia na formação da auto-estima, pois o julgamento, as experiências com os outros contribuem para a nossa auto-estima ser elevada ou baixa. As decepções e frustrações que vivemos também determinam a auto-estima. Pode-se perceber que nos relatos bíblicos os milagres sempre aconteciam à partir das pessoas, elas que iam até Jesus, o que nos mostra que as pessoas acreditam que a sua iniciativa, *sua* fé (Marcos 5.25-34) as curava. A consciência do

valor da nossa atitude, da nossa auto-estima nos incentiva a realizarmos o milagre em nossa vida segundo a ação de Jesus, pois ele foi um agente da construção da auto-estima das pessoas com quem teve contato. Uma elevada auto-estima nos ensina a nos amarmos para que possamos amar o próximo e viver em comunidade, uma comunidade terapêutica.

Hoje a nossa sociedade vive um grande analfabetismo relacional aumentando cada vez mais o individualismo e a solidão, mas, a Igreja como comunidade terapêutica pode ser uma das fontes para mudar tal situação, pois pressupõe que é um lugar onde as pessoas possam se expressar, ser aceitas como são, criando vínculos de afetividade; ela é vista como fonte para a reconstrução de uma vida comunitária. A Igreja é comunidade terapêutica a partir do momento em que se solidariza com as pessoas que estão passando por situações cruciais na vida. Ela é corpo de Cristo e, por isso, desenvolve o dom de amar como fez Jesus construindo assim relações mais sadias e duradouras. Ela proporciona um relacionamento afetivo de valorização mútua não fazendo uso da dominação que é uma das características que a diferencia da sociedade, porém, infelizmente, em alguns momentos ela tem sido dominadora.

Assim, pode-se entender que a auto-estima pode influenciar na vida em comunidade e a vida em comunidade influencia na auto-estima. Uma pessoa que tem uma auto-estima elevada pode ajudar a Igreja a desenvolver melhor a sua ação terapêutica, pois ela ajuda a comunidade conhecer as suas limitações (tentando superá-las na medida do possível); e potencialidades, ela não precisa desvalorizar o outro para se valorizar, gerando relações mais duradouras, já que o outro não mais será o bode expiatório, o que facilita para que comunidade não negligencie a sua ação terapêutica. E ao mesmo tempo, a comunidade influencia na auto-estima da pessoa, pois ela será um ambiente no qual a pessoa não precisa provar o tempo todo que é perfeita, no qual pode ser ela mesma, com suas imperfeições e perfeições, a comunidade incentiva o amor a vida, a valorizar o próximo.

Portanto, a comunidade que é de fato terapêutica pode ajudar a elevar a auto-estima dos seus membros, pois a comunidade é aquela que inclui, incentiva o relacionamento saudável, valoriza o ser humano e cuida uns dos outros. A vida em comunidade é indispensável ao ser humano que é tridimensional nos seus relacionamentos. Ele precisa estar bem consigo mesmo, com o outro e com Deus para se encontrar e encontrar com o outro e nessa relação há o encontro com Deus. A auto-estima é muito importante para uma vida saudável, para uma vida de satisfação pessoal e comunitária. Precisamos reconhecer-nos para reconhecermos o outro e Deus.

## REFERÊNCIA

ARAGÓN, Lourdes Cortés de & DIEZ Jesús Aragón. *Auto-estima: compreensão e prática*. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004.

BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995. Edição revista e corrigida no Brasil.

BORTOLINI, José. *O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos*. São Paulo: Paulus, 2003.

BRANDEN, Nathaniel. *Auto-estima: como aprender a gostar de si mesmo*. Trad. Ricardo Gouvêa. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

BROWN, Raymonde E. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004. Coleção bíblia e história. Série maior.

BRUNNER, H. Emil. *O Equívoco sobre a Igreja*. Tradução de Paulo Arantes. São Paulo: Novo Século, 2004.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. Trad. Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987.

COLAVECCHIO, Ronaldo L. *O Caminho do Filho de Deus: contemplando Jesus no evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2005. Coleção teologia bíblica.

COMBLIN, José. *O Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.

CORREIA JUNIOR, João Luiz. *O Poder de Deus em Jesus: um estudo de duas narrativas de milagres em Mc5,21-43*. São Paulo: Paulinas, 2000. Coleção bíblia e história.

Dicionário Bíblico. MACKENZIE, John L. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983.

Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia. EICHER, Peter. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

Dicionário do Pensamento Social do Século XX. OUTHWAIT, Willian; BOTTOMORE, Tom. Trad. Eduardo Francisco Alves, Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahor Ed., 1996.

Dicionário Interdisciplinar da Pastoral da Saúde. CINÀ, Giuseppe; LOCCI, Efésio; ROCCHETTA, Carlos. Trad. Calisto Vendrame, Leocir Pessini e equipe. São Paulo: Paulus, 1999. Série dicionários.

Enciclopédia Abril. São Paulo: Abril, 1976. Vol. 3.

ESTRADA, Juan Antônio. *Para Compreender como Surgiu a Igreja*. Trad. José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2005.

FLORISTÁN, Casiano. *Para Compreender a Paróquia*. Trad. Pe Idalino Simões. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

FRANKL, Viktor Emil. *Fundamentos y Alicaciones de la Logoterapia*. Argentina, Buenos Aires: San Pueblo, 2000.

FREUD, Anna. *O Ego e os Mecanismos de Defesa*. Trad. Álvaro Cabral. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GONZÁLEZ, Serafín Ruiz. *Crescer Como Pessoa: etapas e obstáculos*. Trad. Adilson Camilo Lima. São Paulo: Paulus, 1997.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Martin Dreher e Ilson Kayser. 3ª ed. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Editorial Enciclopédia, Limitada. Rio de Janeiro: Lisboa. Vol 07.

HOCH, Lothar Carlos & NOÉ, Sidnei Vilmar (Orgs). *Comunidade Terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda*. São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia/Sinodal, 2003.

HOCH, Lothar Carlos. *Comunidade Terapêutica: em busca de uma fundamentação eclesiológica do Aconselhamento pastoral*. In: Associação Brasileira de Aconselhamento (ed.), *Fundamentos do Aconselhamento*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998.

HOUAISS, Antônio (1915-1999), VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa/ Antônio Houaiss e Mauro Salles Villar, elaborado no Instituto Antônio houaiss de Lexicografia e Banco de Dados Ltda Língua Portuguesa S/C Ltda*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HURDING, Roger F. *A Árvore da Cura: modelos de aconselhamento e de psicoterapia*. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

KEENER, Craig S. *Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento*. Trad. José Gabriel Said. Belo Horizonte: Editora Atos, 2004.

KUMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira e João Paixão Neto. São Paulo: Paulus, 1982.

LACASSE, Micheline. *A Resposta Está Em Mim: conhece-te a ti mesmo*. Trad. Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 1996.

LEITE, Nelson Luiz Campos (Org.). *O Evangelho e as Questões Emocionais*. São Paulo: Cedro, 2004.

MAY, Rollo. *O Homem à Procura de Si Mesmo*. Trad. Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1986.

MIJOLLA, Alain de. *Dicionário Internacional da Psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.

MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. Trad. Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova. Séria cultura bíblica.

NOÉ, Sidnei Vilmar. *Espiritualidade e saúde: da cura d'alma ao cuidado integral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

NOVA, Eduardo Villa. *Igreja: Comunidade Terapêutica Limites e Possibilidades*. São Paulo: Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, 1992.

PEREIRA, Josias. *A Função Terapêutica na e da Comunidade Cristã*. Revista Caminhando nº 5. São Bernardo do campo: Editeo, 1992.

PEREIRA, Josias. Pano de Fundo do Curso: Igreja: Comunidade Terapêutica?. In: Curso de Aconselhamento Pastoral. São Bernardo do Campo, 2005.

PETER, Ricardo. *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. Trad. Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus, 1999.

ROMERO, Emílio. *O Inquilino do Imaginário: formas de alienação e psicopatologia*. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.

SATHER-ROSA, Ronaldo. Aula expositiva no dia 29/09 na Universidade Metodista de São Paulo, na Faculdade de Teologia na disciplina Seminário Temático de Teologia Prática no ano de 2006.

SCHEÇEMBAUM, Peter. *Toma o teu Divã e Anda!* Trad. Rodolpho Eduardo Krestan. São Paulo: Loyola, 1994.

SILVA, Edílson Marques da. *Negritude & Fé: O resgate da auto-estima*. Santa Cruz Do Rio Pardo, SP: Faculdade de Filosofia Ciência e Letras “Carlos Queiroz”, 1998.

SOARES, Sebastião Armando Gamaleira Soares & JÚNIOR, João Luiz Correia; *Evangelho e Marcos: refazer a casa*. Petrópolis: Vozes, 2002. Vol, I. Coleção comentário bíblico.

TILLICH, Paul; *Teologia Sistemática: três volumes em um*. Trad. Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas e Sinodal, 1984.



## ANEXO

### 1. Identificação da super-valorização de Deus em detrimento dos valores do ser humano <sup>95</sup>

Historicamente podemos afirmar que a adoração a Deus é uma das partes fundamentais do culto desde os primórdios do cristianismo; porém, super valorizá-lo em detrimento do ser humano não é uma relação pressuposta nos referenciais bíblico-teológicos expostos nesta pesquisa, visto que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, pois tal atitude contribui para uma baixa auto-estima que pode gerar a não confiança em si e a degradação de parte da criação divina: a humanidade; é nesse ponto que precisa-se resgatar o valor da *Imago Dei* que há no ser humano, independente de sua escolha afirmativa ou negativa ao convite da salvação. É verdade que a adoração a Deus (a exemplo de Isaías 6.3-5<sup>96</sup>) faz o ser humano perceber o seu pecado (individual e coletivo) diante da pureza divina, mas

---

<sup>95</sup> Análise do discurso musical realizada por Thelma Ferreira Guimarães do Nascimento.

<sup>96</sup> Bíblia de Estudo de Genebra. Tradução João Ferreira de Almeida, p. 798.

não o torna impotente para atender seu chamado, nem tampouco indigno de sua intervenção em sua vida, tal como no discurso disseminado nas canções do Diante do Trono:

*És o poderoso Deus, mas vieste em mim reinar.*

(Trecho da música “Quão grande és tu” do CD *Diante do Trono*)

*Senhor, estou aqui para te adorar, em tua presença desejo estar*

*Eu sei que **nada** sou, mas vim me humilhar, preciso de Ti.*

(Trecho da música “Manancial” do CD *Diante do Trono*)

*Se tu olhares Senhor pra **dentro de mim nada encontrará de bom.***

(Trecho da música “Coração igual ao teu” do CD *Preciso de Ti*)

*Nunca me deixes esquecer*

*que tudo o que tenho, tudo o que sou, o que vier a ser, vem de Ti Senhor.*

*Dependo de Ti, espero em Ti, **sozinho nada posso fazer***

*Descanso em Ti, espero em Ti, **sozinho nada posso fazer.***

(Trecho da música “Vem de Ti, Senhor” do CD *Nos braços do Pai*).